



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP INF VINÍCIUS PAIVA COOPER DE ALMEIDA

**O EMPREGO DO BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO NA
MARCHA PARA O COMBATE:
A FUNÇÃO DE COMBATE MOVIMENTO E MANOBRA**

**Rio de Janeiro
2017**



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP INF VINÍCIUS PAIVA COOPER DE ALMEIDA

**O EMPREGO DO BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO NA
MARCHA PARA O COMBATE:
A FUNÇÃO DE COMBATE MOVIMENTO E MANOBRA**

Trabalho acadêmico apresentado à
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais,
como requisito para a especialização
em Ciências Militares com ênfase em
Operações de Guerra

**Rio de Janeiro
2017**



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
DECEx - DESMil
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS
(EsAO/1919)**

DIVISÃO DE ENSINO / SEÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: Cap Inf VINÍCIUS PAIVA COOPER DE ALMEIDA

**Título: O EMPREGO DO BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO NA
MARCHA PARA O COMBATE: A FUNÇÃO DE COMBATE
MOVIMENTO E MANOBRA.**

Trabalho Acadêmico, apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção da especialização em Ciências Militares, com ênfase em Operações de Guerra, pós-graduação universitária lato sensu.

APROVADO EM _____ / _____ / _____ CONCEITO: _____

BANCA EXAMINADORA

Membro	Menção Atribuída
ANTÔNIO HERVÉ BRAGA JÚNIOR – Ten Cel Cmt Curso e Presidente da Comissão	
LUIMAR JOSÉ DA SILVA JÚNIOR - Cap 1º Membro e Orientador	
UBIRAJÁ SEVERIANO DE OLIVEIRA FILHO - Cap 2º Membro	
VINÍCIUS PAIVA COOPER DE ALMEIDA – Cap Aluno	

O EMPREGO DO BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO NA MARCHA PARA O COMBATE: A FUNÇÃO DE COMBATE MOVIMENTO E MANOBRA

Vinícius Paiva Cooper de Almeida
Luimar José da Silva Júnior

RESUMO

O presente estudo buscou analisar qual a forma de emprego mais adequada para o Batalhão de Infantaria Mecanizado durante uma marcha para o combate, com enfoque na função de combate movimento e manobra. Por meio de um estudo bibliográfico e documental, entrevistas com especialistas e discussões em grupo focal, buscou-se atingir os objetivos elencados como essenciais para concluir o estudo. Foram identificados o quadro de cargos e de dotação de material do Batalhão de Infantaria Mecanizado adotado no Exército Brasileiro, bem como as características da marcha para o combate nas doutrinas nacional e norte-americana. Foram reconhecidos os pontos fortes e oportunidades de melhoria na doutrina norte-americana, observados em relatórios de emprego de suas tropas da brigada Stryker em combate. Foram identificadas também as conclusões obtidas após as experimentações doutrinárias da infantaria mecanizada, a respeito de seu emprego na marcha para o combate. Os pontos relevantes foram discutidos com especialistas no assunto. Por fim, com base no conhecimento adquirido, foi proposto um capítulo para o futuro manual do Batalhão de Infantaria Mecanizado, tratando de seu emprego na marcha para o combate, na função de combate movimento e manobra.

Palavras-chave: Infantaria mecanizada, movimento e manobra, marcha para o combate.

ABSTRACT

The present study had the purpose of analyzing the most appropriate form of employment of the mechanized infantry battalion during a movement to contact operation, focusing on the movement and maneuver function. Through a bibliographical and documentary study, interviews with specialists and discussions in focus group, it aimed to reach the objectives listed as essential to conclude the study. The organization, personnel functions and the material adopted by the mechanized infantry battalion were identified, as were the characteristics of the movement to contact operation in both national and North American doctrines. Then strengths and opportunities for improvement in American doctrine, described in reports of the employment of the American Stryker brigade troops in combat were acknowledged. The conclusions obtained after the offensive operations experimentation on a mechanized infantry battalion, regarding its use in the movement to contact operation, were also verified. Relevant points were discussed with experts. Finally, based on the knowledge acquired, a chapter was proposed for the future manual of the Mechanized Infantry Battalion, in regards to its use in the movement to contact operation, focused on the movement and maneuver function.

Keywords: Mechanized infantry, movement and maneuver, movement to contact.

* Capitão da Arma de Infantaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2007.

* Capitão da Arma de Infantaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2005. Especializado em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) em 2015.

1 INTRODUÇÃO

Em 2008, o poder político desenvolveu a Estratégia Nacional de Defesa (END), que direciona a transformação da defesa nacional. Seguindo as diretrizes da END, o Ministério da Defesa criou o Plano de Articulação e Equipamentos de Defesa (PEAD). Por meio deste plano, foram criados sete Projetos Estratégicos do Exército (PEE), entre eles o PEE GUARANI. Este Projeto pretende implantar até 2031 organizações capacitadas a operar com as plataformas de combate preparadas para as exigências do combate moderno. Surge desta forma uma nova natureza da Infantaria no Exército Brasileiro (EB): a Infantaria Mecanizada (Inf Mec).

Na Portaria, Nr 286, do Estado Maior do Exército, de 09 de dezembro de 2014, que tem como finalidade orientar o prosseguimento da implantação da Base Doutrinária de Brigada de Infantaria Mecanizada (Bda Inf Mec) no EB, o Departamento de Educação e Cultura do Exército recebeu a atribuição de participar da elaboração dos manuais doutrinários.

Dentre os manuais doutrinários necessários, está o do Batalhão de Infantaria Mecanizado (BI Mec), sendo que um dos assuntos a serem tratados nesse manual é o emprego do BI Mec na marcha para o combate.

1.1 PROBLEMA

Para poder confeccionar esta base doutrinária, surgem diversas perguntas, dentre elas, o problema que é o enfoque do presente trabalho: qual a forma adequada de emprego do batalhão de infantaria mecanizado em uma marcha para o combate, no que diz respeito à função de combate movimento e manobra?

1.2 OBJETIVOS

O presente estudo pretende analisar as capacidades do BI Mec do EB, e, a partir deste dado, verificar, comparando com as doutrinas de outros exércitos e com experimentações doutrinárias, qual a forma de emprego mais adequada para esta unidade durante uma marcha para o combate, com enfoque na função de combate movimento e manobra.

Para viabilizar a consecução do objetivo geral de estudo, foram formulados os objetivos específicos, abaixo relacionados, que permitiram o encadeamento lógico do raciocínio descritivo apresentado neste estudo:

- a. Identificar a organização em utilização pelo EB para o BI Mec;

- b. Identificar as características de uma marcha para o combate na doutrina nacional;
- c. Identificar as características de uma marcha para o combate na doutrina norte-americana;
- d. Comparar a forma de emprego de um batalhão de infantaria blindado (BIB) do EB e de um BI Mec dos Estados Unidos da América (EUA) para o emprego em uma marcha para o combate;
- e. Reconhecer os pontos fortes e oportunidades de melhoria na doutrina norte americana, observados após o emprego de suas tropas de Inf Mec em combate;
- f. Identificar as conclusões obtidas após as experimentações doutrinárias da Inf Mec, a respeito de seu emprego na marcha para o combate; e
- g. Propor o capítulo do futuro manual do BI Mec, referente à função de combate movimento e manobra, na marcha para o combate.

1.3 JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES

A implantação da Infantaria Mecanizada no Exército Brasileiro já é uma realidade. A antiga 15ª Brigada de Infantaria Motorizada foi transformada na 15ª Brigada de Infantaria Mecanizada (15ª Bda Inf Mec), assim como seus batalhões orgânicos também se tornaram mecanizados. Lotes de VBTP-MR Guarani foram recebidos e vêm sendo empregados nas organizações militares. Experimentações doutrinárias são realizadas no Centro de Instrução de Blindados (CI Bld). Possíveis quadros de dotação de material (QDM) e quadros de cargos de pessoal (QCP) a serem adotados são amplamente discutidos. Armamentos para dotar as VBTP-MR estão sendo adquiridos.

Desta forma, a doutrina militar terrestre referente à infantaria mecanizada vem sendo estabelecida. O EB está definindo com o que combater (QDM), com qual efetivo combater (QCP) e com base nas experimentações doutrinárias e comparações com outros exércitos, busca definir como combater.

Dentro deste contexto, justifica-se o presente estudo, uma vez que se observa na doutrina terrestre esta lacuna: como combater com tropas de Inf Mec.

Portanto, é de grande relevância pesquisar qual seria a forma de emprego adequada para o BI Mec em uma marcha para o combate.

2 METODOLOGIA

Para colher subsídios que permitissem formular uma possível solução para o problema, o delineamento desta pesquisa contemplou leitura analítica e fichamento das fontes, entrevistas, argumentação e discussão de resultados.

Inicialmente foram estudadas as novas capacidades propostas para o batalhão de infantaria mecanizado brasileiro.

Em seguida foram analisadas a doutrina nacional vigente relativa à marcha para o combate; a doutrina norte americana para a marcha para o combate realizada por um batalhão Stryker; e as semelhanças e diferenças deste tipo de operação realizada por unidades de natureza semelhante.

Posteriormente foram estudadas análises do desempenho do batalhão Stryker norte americano em combate e do desempenho da doutrina nacional proposta para a Inf Mec em experimentações doutrinárias.

Quanto à forma de abordagem do problema, utilizaram-se, principalmente, os conceitos de pesquisa qualitativa, pois, o conhecimento obtido pelo estudo da literatura existente em comparação com as experimentações doutrinárias juntamente com a análise da opinião de especialistas no assunto foram preponderantes no presente estudo.

Quanto ao objetivo geral, foi empregada a modalidade descritiva, com enfoque na revisão do que foi publicado sobre a doutrina nacional, a norte-americana, a experimentação doutrinária e o emprego em combate, paralelamente, foi feito um levantamento por meio de entrevistas com militares que possuem vivência profissional relevante sobre o assunto.

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Iniciamos o delineamento da pesquisa com a definição de termos e conceitos, a fim de viabilizar a solução do problema de pesquisa, sendo baseada em uma revisão de literatura no período de abr/2003 a maio/2017. Essa delimitação baseou-se na necessidade de atualização do tema, visto que a Inf Mec é recente no EB.

O limite anterior foi determinado almejando incluir a publicação mais atual do manual de BI Mec norte-americano, o Batalhão da Brigada Stryker (SBCT – Inf Btl).

Foram utilizadas as palavras-chave marcha para o combate, movimento e manobra, infantaria mecanizada, guarani, stryker e seus correlatos em inglês, na

base de dados *Ike Skelton Combined Arms Research Library Digital Library*, *Internet Archive Search* em sítios eletrônicos de procura na internet, biblioteca de monografias da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), sendo selecionados apenas os artigos em português e inglês. O sistema de busca foi complementado pela coleta manual de relatórios de exercícios militares, bem como de manuais de campanha referentes ao tema, do EB e dos EUA.

Quanto ao tipo de operação militar, a revisão de literatura limitou-se a operações de guerra.

a. Critério de inclusão:

- Estudos publicados em português e inglês relacionados à infantaria mecanizada; e
- Estudos, matérias jornalísticas que retratam inovações tecnológicas com reflexos nos materiais de emprego militar a serem adotados pela Inf Mec brasileira.

b. Critério de exclusão:

- Estudos que abordam o emprego da infantaria mecanizada em conflitos anteriores às guerras do golfo.

2.2 COLETA DE DADOS

Na sequência do aprofundamento teórico a respeito do assunto, o delineamento da pesquisa contemplou a coleta de dados por meio de entrevista e de discussão em um grupo focal.

2.2.1 Entrevistas

Com a finalidade de ampliar o conhecimento teórico e identificar experiências relevantes, foram realizadas entrevistas exploratórias com os seguintes especialistas, em ordem cronológica de execução:

Nome	Justificativa
ANDREY EDUARDO RODRIGUES – Maj EB	Instrutor do CI Bld, responsável por instruções da VBTP Guarani e do emprego tático de SU e U Bld. Um dos responsáveis pela experimentação doutrinária do BI Mec por meio de simulação virtual.
EDSON PAULO QUEIROZ SILVA DE SÁ – Maj EB	Serviu no 33º BI Mec em 2012 e 2013, quando exerceu a função de S-3 e foi responsável pela experimentação doutrinária da Inf Mec.

QUADRO 1 – Quadro de Especialistas entrevistados

Fonte: O autor

2.2.2 Grupo Focal

Devido à natureza exploratória da investigação e à necessidade de um estudo integrado da função de combate movimento e manobra com as demais funções de combate e finalizando a coleta de dados, foi conduzido um grupo focal, visando a debater os resultados colhidos na pesquisa, com os seguintes especialistas:

Nome	Justificativa
RODRIGO RIBEIRO – Cap EB	Escreve um artigo científico sobre o emprego BI Mec na marcha para o combate, na função de combate comando e controle.
CHRISTIAN DOS SANTOS BRESSAN VITAL – Cap EB	Escreve um artigo científico sobre o emprego BI Mec na marcha para o combate, na função de combate fogos.
DIÓGENES GUSTAVO CARNEIRO – Cap EB	Escreve um artigo científico sobre o emprego BI Mec na marcha para o combate, na função de combate logística.
RAFAEL DE ABREU BICALHO – Cap EB	Escreve um artigo científico sobre o emprego BI Mec na marcha para o combate, na função de combate inteligência.

QUADRO 2 – Quadro de Especialistas participantes do Grupo Focal

Fonte: O autor

Durante a orientação do referido grupo focal, foram levantadas, como pautas, divergências entre o encontrado na literatura analisada e a percepção dos entrevistados, notadamente nos seguintes aspectos:

- a) Emprego do pelotão de exploradores como escalão de reconhecimento;
- b) Emprego do BI Mec para realizar o ataque embarcado; e
- c) Constituição do escalão de combate.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O BI Mec, em sua configuração atual prevista em quadro de cargos (QC), é composto pelo comando e por 04 SU, sendo uma companhia de comando e apoio (Cia C Ap) e três de fuzileiros mecanizados (Cia Fuz Mec). Possui, portanto, uma estrutura ternária.

As Cia Fuz Mec são compostas por três pelotões de fuzileiros mecanizados (Pel Fuz Mec) e por um pelotão de apoio (Pel Ap). Cada Pel Fuz Mec possui três grupos de combate (GC) e um grupo de apoio (G Ap) distribuídos em quatro VBTP-MR Guarani. Enquanto o Pel Ap está constituído a uma seção anticarro com 03 peças e uma seção de morteiros médios com duas peças. As principais diferenças em relação ao batalhão de infantaria blindado (BIB) foram que o grupo de apoio ganhou um 3º sargento comandante e a seção anticarro do Pel Ap ganhou mais uma

viatura, sendo cada peça transportada por sua própria viatura (Vtr). Além disso a capacidade do atirador de metralhadora pesada (Mtr P) para detectar e engajar alvos aumentou sobremaneira com a adoção do sistema de armas remotamente controlado (SARC) REMAX que permite o tiro estabilizado, mesmo com o Guarani em movimento.

A Cia C Ap é composta por nove pelotões: o de comando, de exploradores, anticarro, de morteiros pesados, de comunicações, de suprimento, de manutenção, de saúde e de apoio de fogo.

Algumas novidades foram implementadas em relação aos demais batalhões de infantaria do EB. No pelotão de comando foram introduzidas a seção de vigilância terrestre, a de caçadores e a de segurança, o que aumenta a capacidade de reconhecimento e aquisição de alvos e ainda libera o pelotão de exploradores (Pel Exp) de missões rotineiras nos BIB, como a segurança de posto de comando e área de trens.

O pelotão de exploradores será dotado com seis viaturas blindadas multitarefas leves sobre rodas (VBMT-LR), o que aumentou a sua proteção em relação ao pelotão de exploradores dos BIB, que não adotava Vtr Bld. A VBMT-LR, conforme artigo do site Defesonet, publicado em abril de 2016, possui proteção balística nível 3, capaz de suportar disparos de 7.62mm a 30m e proteção anti-minas Nível 2, em qualquer das 4 rodas. Pode receber sistemas de armas manual ou remotamente controlado, nos calibres 7,62 ou 12,7 mm e um lança-granadas de 40 mm. Apesar disso, a capacidade de reconhecimento e vigilância dessa fração não foi alterada em relação ao mesmo pelotão dos BIB, pois continua com o mesmo número de viaturas e grupos de exploradores.

O pelotão de comunicações ficou mais robusto, para atender às demandas de maiores distâncias alcançadas por esta tropa de alta mobilidade e para permitir uma maior capacidade de consciência situacional.

O pelotão anticarro passa a ser composto por seções de míssil anticarro e não mais de canhão sem recuo, o que permite um maior alcance e precisão do armamento voltado para a defesa contra os carros de combate inimigos.

Foi introduzido um pelotão de apoio de fogo, dotado de quatro viaturas Guarani com canhão Unmanned Turret 30mm Brazil (UT-30BR), uma torre não

tripulada, estabilizada em direção e elevação, blindada e montada externamente. De acordo com Flores, 2016, esta torre possui um canhão automático 30mm ATK Bush Master MK44, com alcance útil de 3000m. Possui também uma metralhadora coaxial 7,62mm e um lançador de granadas fumígenas 76mm que pode lançar 08 granadas a aproximadamente 30 metros de distância, formando uma cortina de fumaça de cerca de 100 metros de frente, que obscurece as vistas sobre a viatura e a protege contra a telemetria laser dos armamentos inimigos. A UT-30BR possui um dispositivo de segurança de detecção de ameaça laser que alerta quando a torre recebe uma ameaça laser inimiga, informando a direção de origem e aponta automaticamente ou manualmente para a direção. Outro recurso muito útil disponível é o acompanhamento automático de alvos, que garante maior precisão e eficiência no tiro.

Outra capacidade que foi ampliada nos BI Mec em relação às demais tropas de infantaria foi a de consciência situacional, uma vez que cada Vtr adota um sistema de gerenciamento de campo de batalha, o GCB:

O GCB é uma ferramenta tecnológica que permite ao comandante acompanhar o desempenho da fração, transmitindo em tempo real informações como: localização, quantidade de combustível, quantidade de munição e outras relacionadas ao funcionamento de cada VBTP. Possibilita também aos comandantes coordenar e controlar suas frações, emitindo ordens fragmentárias, enviando calcos, mensagens e locando tropas inimigas e não combatentes. (RODRIGUES, 2016)

Por último, ainda que a Inf Mec tenha agregado novas capacidades à infantaria, as tropas dessa natureza continuam sendo voltadas para o combate a pé, conforme ressaltam tanto o Maj Andrey quanto o Maj Edson Paulo em suas entrevistas, visto que não são dotadas de viaturas blindadas de combate de infantaria (VBCI), mas sim de viaturas blindadas de transporte de pessoal (VBTP). Além disso, diferentemente da infantaria blindada, as brigadas de infantaria mecanizada (Bda Inf Mec) não terão em sua composição regimentos de carro de combate (RCC), o que não permitirá a constituição de forças tarefa (FT) infantaria-carros:

A VBTP-MR 6x6 Guarani, apesar de todo avanço que trouxe consigo, em nenhum momento deixou de ser uma viatura blindada de transporte de tropas, cujo objetivo primordial é aumentar a capacidade de sobrevivência da tropa transportada, conduzindo-a, pelo maior tempo possível, ao mais próximo do inimigo. Este conceito é totalmente diferente de uma viatura blindada de combate de fuzileiro, destinada ao combate embarcado. (RODRIGUES, 2016)

Desta forma, chega-se à conclusão de que essas novas capacidades levarão a uma adaptação da doutrina de emprego do BI Mec na marcha para o combate, adotando-se tanto características do emprego do BI Mtz quanto do BIB neste tipo de operação e acrescentar-se-ão ainda novas características devido a essas novas possibilidades.

Depois de analisada a constituição, os meios, as capacidades e diferenças do BI Mec em relação às demais tropas de infantaria, é preciso compreender a operação ofensiva marcha para o combate (M Cmb). O manual de operações da força terrestre define seu conceito:

A Marcha para o Combate é uma marcha tática na direção do inimigo, com a finalidade de obter ou restabelecer o contato com o mesmo e/ou assegurar vantagens que facilitem operações futuras. O melhor aproveitamento do dispositivo no momento do contato é obtido pela apropriada organização da força para o combate e pela manobra dos seus componentes. Esse tipo de operação ofensiva é executado agressivamente para se apossar do objetivo antes que o inimigo possa reagir. (BRASIL, 2014, p.4-6)

As peculiaridades da marcha são discriminadas nos manuais específicos das tropas de diferentes naturezas, como o C 7-20 Batalhões de Infantaria e C 17-20 Forças-tarefas Blindadas. Os diversos pontos em comum serão especificados a seguir.

A marcha para o combate pode ser coberta ou descoberta, caso exista ou não uma força amiga interposta entre a unidade considerada e o inimigo e que seja capaz de proporcionar-lhe segurança.

Quanto à possibilidade do contato com o inimigo terrestre, a marcha pode ser de contato remoto, quando este não pode atuar sobre a tropa; pouco provável, quando a possibilidade de contato é muito baixa; e iminente, quando, a qualquer momento, a tropa pode sofrer ação daquele.

O comandante da tropa deve desdobrar suas forças de forma a obter o máximo de velocidade, controle e segurança. Quando o contato é remoto, o movimento é feito em coluna de marcha, dispositivo em que as unidades não necessitam ser agrupadas taticamente e podem deslocar-se por vários meios e por diferentes itinerários. Quando o contato é pouco provável, o movimento é feito em coluna tática, onde as frações são agrupadas taticamente, sem desdobrarem-se, o que facilita a rápida adoção de dispositivo para o combate. Quando o contato é iminente,

executa-se a marcha de aproximação, em que os elementos são agrupados taticamente e desdobrados.

Em uma marcha para o combate, a tropa articula-se em um grupamento principal ou grosso, composto pela maioria dos meios de combate e órgãos de apoio e em forças de segurança (vanguarda, retaguarda e flancoguarda) de valor e composição variável, de acordo com os fatores da decisão.

O batalhão pode encontrar-se em 4 situações: marchar como uma força independente, fazendo parte do grosso de uma brigada ou ainda, atuando como força de segurança da brigada, à frente, nos flancos, ou à retaguarda do grosso.

Como parte do grosso, segue as ordens do comandante da brigada. Como flancoguarda adota o dispositivo de um batalhão marchando isolado e atua na mesma altura do grosso, aproveitando-se de acidentes do terreno, para proteger o flanco da brigada. Caso não disponha de itinerários paralelos, o Btl desloca-se pelo mesmo eixo do grosso e envia frações periodicamente para ocupar posições de bloqueio sucessivas no flanco a ser protegido. Como retaguarda atua como uma vanguarda invertida. Por último, como vanguarda tem a missão de evitar retardos desnecessários ao grosso e protegê-lo contra surpresas e ações inimigas terrestres vindas da frente. A atuação do BI Mec como vanguarda em uma marcha de aproximação é o enfoque deste artigo.

Da mesma forma que a brigada, o batalhão vanguarda também articula-se em grosso e forças de segurança. A subunidade (SU) vanguarda ainda é dividida em escalão de reconhecimento, um pelotão que é lançado à frente e escalão de combate, a SU propriamente dita.

A maneira como o comandante do batalhão ou regimento irá compor os meios para a marcha reflete diretamente no sucesso da missão, pois “o melhor aproveitamento do dispositivo no momento do contato é obtido pela apropriada organização da força para o combate” BRASIL, 2014, p.4-6.

A composição dos meios depende da decisão do comandante da unidade em como ele distribuirá as frações disponíveis nos diversos grupamentos de forças, tanto as orgânicas quanto as passadas em reforço ou apoio direto pelo escalão superior.

De acordo com o C 17-20, a vanguarda (Vg) numa M Cmb é constituída por uma SU. Sua composição dependerá do estudo de situação e dos fatores da decisão. Elementos de engenharia devem integrá-la. Quando o Btl deslocar-se por dois eixos paralelos, devem ser constituídas duas vanguardas, que deverão atuar de forma coordenada. A missão da Vg é prover a segurança para o grosso e facilitar seu movimento contínuo. Ela deve ser capaz de rapidamente esclarecer a situação, destruir os elementos de reconhecimento e retardamento do inimigo e remover obstáculos que interfiram no movimento.

O Pel Exp pode integrar-se à vanguarda, quando deverá operar cerca de 2 a 6 Km a sua frente, provendo adequado alerta e suficiente espaço para a manobra da Vg. Quando a força inimiga é descoberta, o Pel Exp procura determinar seu valor, composição, localização. O engajamento decisivo deve ser evitado, mas, uma vez estabelecido o contato, este deve ser mantido e todas as atividades do inimigo devem ser informadas ao Cmt Vg.

A segurança nos flancos é estabelecida com um pelotão das SU do grosso, o qual deve atuar a uma distância de 2 a 3 km de forma a permitir ao grosso o tempo e o espaço necessário para manobrar e fazer face à ameaça.

A última SU do Btl destaca um pelotão para compor a retaguarda. Esta fração deve permitir que o grosso possua o tempo e o espaço necessários para reagir às ameaças que incidam em sua Rg.

O Btl cumpre sua missão de forma agressiva, reconhece o terreno à frente e nos flancos, remove obstáculos do itinerário, repara pontes, constrói passagens, ataca e destrói as resistências inimigas, sem hesitação.

Ao ser estabelecido o contato com o inimigo, o Esc Rec deve tentar destruir o mesmo. Caso não seja possível, ele o fixa para sua destruição pelo Esc Cmb, caso esta SU não o faça, ela deve fixá-lo para que o grosso do Btl faça frente à ameaça.

A marcha para o combate termina ao ser atingido o objetivo de marcha.

Ao se estudar a doutrina do exército dos Estados Unidos da América (EUA), percebe-se que a doutrina nacional se assemelha muito à daquele país.

De acordo com o manual FM 3-21.21 The Stryker Brigade Combat Team Infantry Battalion, a marcha para o combate é realizada quando a situação é vaga ou quando o contato com o inimigo foi perdido. Tem o propósito de estabelecer ou

reestabelecer o contato. Deve ser realizada de uma maneira que permita a manobra e o desdobramento completo da tropa, para manter a liberdade de ação e derrotar o inimigo uma vez estabelecido o contato. A flexibilidade é essencial para a manutenção da iniciativa. A operação termina com a ocupação de um objetivo designado ou quando a resistência inimiga requer o desdobramento do batalhão para um ataque. Um batalhão designado para uma marcha para o combate recebe uma zona de ação ou um eixo de progressão e um objetivo que garanta o contato com o inimigo.

A tropa é organizada em uma força de segurança, composta pelo escalão de reconhecimento e vigilância, em uma vanguarda, o grosso da unidade, uma retaguarda e flancoguardas.

Apesar de abordar este tipo de operação de maneira semelhante, o manual americano aborda situações mais específicas que aprofundam a forma de emprego do batalhão na marcha para o combate, enfatizando: as ações nos obstáculos, a destruição das forças inimigas, o desbordamento de resistências fracas, o combate de encontro e as opções de manobra disponíveis para o comandante de Btl.

O desenrolar da operação ocorre com o escalão de reconhecimento identificando o inimigo, mantendo-o sob vigilância e informando à vanguarda, para que esta possa engajá-lo. Esta é uma diferença importante, pois, via de regra, o Esc Rec não estabelece o Ctt, apenas vigia, buscando ver sem ser visto.

Nesse sentido, apesar de não deixar de abordar a maneira tradicional de se conduzir uma marcha para o combate, o manual norte-americano salienta que a nova capacidade de detecção do batalhão Stryker permite que o contato com o inimigo seja realizado em melhores condições:

Tradicionalmente, um batalhão estabelecia contato com o inimigo por meio do pelotão de exploradores e com o escalão de combate para esclarecer a situação. Em seguida a subunidade vanguarda fixava o inimigo permitindo que o batalhão manobrasse contra um flanco acessível (...) Com o INFOSYS agregado no batalhão da brigada Stryker um novo método de se estabelecer contato é requerido. Esse novo contato contínuo consiste em compreender a situação, manobrar para uma posição de vantagem fora do contato e estabelecer contato com o inimigo nos termos do batalhão. Com isso, é possível concentrar poder de combate de maneira massiva no ponto decisivo para atingir seu objetivo mais eficiente e eficazmente. (UNITED STATES OF AMERICA, 2003a, p. 4-2, tradução do autor)

Um aspecto relevante ao se comparar nossa doutrina com a norte-americana é o de que aquele país participa constantemente de combates e, com isso, pode colocar sua doutrina à prova.

Ao estudar relatórios do emprego de tropas mecanizadas na guerra no Afeganistão, foi levantado uma questão que pode ser útil para a definição da doutrina de emprego do BI Mec:

A experiência em combate gerou uma avaliação mais ampla das questões organizacionais e de material relacionadas ao reconhecimento embarcado. Uma série de mudanças foram propostas para corrigir os problemas mais sérios. O frequente emprego do esquadrão de reconhecimento HBCT em tarefas diferentes de pura coleta de informação somado com seu limitado poder de combate levou o Centro de Cavalaria a recomendar uma organização de pelotões mais poderosa. Recomendações paralelas reforçaram o pelotão de reconhecimento do batalhão Stryker com mais dois Strykers. (CAMERON, 2010, p. 525, tradução do autor)

O batalhão norte americano Stryker emprega como força de reconhecimento o pelotão de reconhecimento dotado de 04 VBTP-MR Stryker que transportam ao todo 03 equipes de reconhecimento de 05 homens, de acordo com o manual FM 3-21.21 The Stryker Brigade Combat Team Infantry Battalion, nas páginas 1-17 e 4-20. De acordo com a observação acima, a tendência é que este passe a ser dotado de 06 Vtr.

De acordo com o Escritório de Projetos do Exército Brasileiro, foi definida recentemente a viatura blindada leve sobre rodas que será adotada pela Inf Mec. Esta viatura provavelmente dotará o pelotão de exploradores do BI Mec, a 06 Vtr. “O Projeto Guarani concluiu o processo para obtenção das viaturas leves, 4x4. Em Reunião Decisória Especial de 06 de abril de 2016, sobre a Viatura Blindada Multitarefa, leve sobre rodas, foi escolhida a viatura LMV da empresa IVECO.” (EPEX, 2016). Em termos de efetivo, esta organização está condizente com as observações feitas pelos norte-americanos, com base em seu emprego em combate. Há de se verificar, contudo, o poder de fogo com o qual serão dotadas as Vtr do Pel Exp, uma vez que no caso do Btl Stryker, foi verificado que esta fração precisa de um forte poder de fogo. Desta forma percebe-se que as observações de combate apontam que, no caso do BI Mec nacional não seria interessante empregar o Pel Exp como Esc Rec, mas sim um Pel Fuz Mec, pois este sim seria dotado de Vtr Bld Guarani.

Estas observações corroboram as impressões salientadas por ambos especialistas entrevistados no presente estudo.

O Maj Andrey acredita que o oprônico do Remax potencializa a capacidade de poder de fogo do Pel Fuz Mec pela maior precisão dos tiros, bem como a capacidade de detecção, reconhecimento e identificação tendo em vista as câmeras diurna e termal. Desta forma, considera mais interessante o seu emprego como Esc Rec, em relação ao Pel Exp.

Já o Maj Edson Paulo afirma que tem sérias ressalvas sobre o emprego do Pel Exp como Esc Rec, pois este não teria poder de combate suficiente para manter a impulsão e combater pequenas resistências inimigas, dessa forma o escalão de combate teria sempre que se desdobrar e assim o Btl perderia tempo. O Ini quer trocar espaço por tempo para preparar sua defesa, ao identificar que é uma tropa de reconhecimento que está esclarecendo a situação, não retrairia até conseguir obrigar o BI Mec a se desdobrar e perder tempo.

Contudo, há de se salientar a finalidade da existência do pelotão de exploradores que é o reconhecimento:

Passados quase vinte anos da criação dessa fração é importante compreender que a intenção inicial ao se criar o Pelotão de Exploradores: dotar os RCC, BIB e RCB com uma fração que pudesse facilitar o deslocamento das FT SU, reconhecendo pontos críticos na zona de ação dessas OM e no interior das posições inimigas, preservando-as FT SU Bld para a ação principal, auxiliar na condução dos fogos de morteiro e artilharia, vigiar os flancos e áreas de retaguarda, atuando embarcado ou desembarcado de acordo com as imposições do terreno, do inimigo e da missão. (JACOBINA, 2016)

Isso, somado ao fato de a existência da seção de segurança no pelotão de comando do BI Mec liberar o pelotão de exploradores de missões rotineiras de segurança de posto de comando e área de trens, leva a refletir sobre a possibilidade de passar grupos de exploradores em reforço à SU vanguarda. Estudo que deverá ser pormenorizado em futuras experimentações doutrinárias.

Ainda que o estudo de uma doutrina testada e atualizada como a norte-americana seja essencial para dar o direcionamento inicial, não é possível embasar a doutrina nacional inteiramente em observações alienígenas. Nesse sentido, as experimentações doutrinárias englobando a simulação virtual executada pelo CI Bld e a simulação viva conduzida pela 15ª Bda Inf Mec permitiram adequar mais o

estudo à realidade nacional, de acordo com os meios adotados pelo Exército Brasileiro.

De acordo com o relatório da experimentação doutrinária do 33º BI Mec, de 30 de maio de 2016, foi verificado que a profundidade de uma SU Inf Mec na M Cmb é de aproximadamente 6 Km e a do BI Mec é de cerca de 24 Km, sendo assim, um Pel sozinho não consegue manter a segurança de um flanco exposto. Neste caso uma Cia Fuz Mec deveria ser empregada nesse tipo de missão. Para coordenar a ocupação das posições de bloqueio, há a necessidade de serem estabelecidas linhas de controle perpendiculares ao eixo de progressão do grosso e da flancoguarda. A utilização do Gerenciamento do Campo de Batalha (GCB) permite visualizar as medidas de coordenação e controle, contribuindo para o êxito da missão.

O relatório considera ainda a necessidade de aumentar o poder de fogo dessa fração que realiza missão de flancoguarda, passando-se uma seção do Pel Ap F em reforço a esta SU. Fazendo-se um paralelo, percebe-se que também é interessante fazer o mesmo com a SU vanguarda. Opinião também demonstrada por ambos entrevistados que acreditam não ser interessante empregar a seção de UT 30 junto ao Esc Rec, para não expô-la prematuramente, mas sim junto ao Esc Cmb para que este possa apoiar o quanto antes o pelotão que está à frente para que ele possa se desengajar e destruir a resistência inimiga.

A UT 30 permite um engajamento a uma maior distância que a Mtr P sobre o PLATT ou no REMAX, com isso ela poderá ser empregada para impedir que o Esc Cmb ou Esc Rec fique detido por muito tempo. Dessa forma acho conveniente reforçar o Esc Cmb com uma seção do Pel Ap F. Já no caso do Esc Rec, a situação é diferente. Livros da Guerra do Golfo dizem que os Cmt Pel que recebiam VBCI BRADLEY tinham dificuldade em comandar suas peças de manobra e ainda coordenar o emprego dessas VBCI. O mesmo poderia acontecer se a Seç de Ap F ao Esc Rec. Além disso, essa situação exporia prematuramente esta Vtr que seria um alvo altamente compensador para o inimigo. (SÁ, 2017)

Um aspecto importante ressaltado no relatório de experimentação doutrinária da 15ª Bda Inf Mec diz respeito à grande diferença de mobilidade da Vtr sobre rodas para a Vtr sobre lagartas “substancial diferença da VBTP-MR GUARANI e da VBTP M113 com relação às características técnicas e o uso de rodas em oposição às lagartas, não sendo necessariamente o BIB um parâmetro para a Infantaria Mecanizada” (experimentação).

Isto somado à característica da blindagem incapaz de suportar tiro de armas anticarro, faz com que seja necessária a utilização da técnica de assalto desembarcado para rechaçar eventuais resistências que estejam retardando a progressão do Btl durante a M Cmb, conforme também afirmam os entrevistados:

O estudo do inimigo e terreno será fator decisivo para a técnica de assalto, pois o terreno restritivo a VBTP, que é sobre rodas e tem menor mobilidade que a sobre lagarta e o inimigo dotado de um armamento com capacidade de perfurar a blindagem irá obrigar o desembarque, lembrando que o Guarani com blindagem adicional aguenta somente até Mtr P .50. De onde conclui-se que se o inimigo tiver alguma arma AC e provavelmente terá, deve ser pensando um ponto de desembarque antes deste alcance. (RODRIGUES, 2017)

Não visualizo um ataque em uma posição sumariamente organizada com nossa tropa embarcada. No caso de uma marcha para o combate, contra pequenas resistências inimigas, dotadas de metralhadoras leves cujo poder de fogo não é suficiente para perfurar a blindagem do Guarani, somente nesse caso visualizo um ataque embarcado, pois quero a rapidez. Porém como acreditamos que um eventual inimigo possua uma doutrina semelhante a nossa, imagino que, como força de cobertura retardando o nosso movimento, o inimigo empregue tropa de natureza de cavalaria mecanizada. Nesse caso, ele possuiria algum canhão semelhante ao canhão 90mm, o que obrigaria a tropa a realizar o ataque desembarcado. Visualizo o ataque da Inf Mec a pé, com o apoio de fogo provido pelas VBTP. Nesse sentido, a Inf Mec aumentou a capacidade de poder de fogo em relação à infantaria motorizada. (SÁ, 2017)

Da mesma maneira, o exército dos EUA foca o emprego dos batalhões Stryker no combate desembarcado:

O batalhão consegue uma ação decisiva usando armas combinadas no nível subunidade. Ele é focado no assalto desembarcado, apoiado pelos fogos diretos do sistema de armas móvel e, quando possível, da viatura Stryker. (...) O sucesso final do batalhão depende de sua capacidade de integrar e sincronizar o efeito de armas combinadas para apoiar o assalto desembarcado no combate aproximado. (UNITED STATES OF AMERICA. 2003a, p. 1-1, tradução do autor)

Desta forma, chega-se à conclusão de que os fatores da decisão, particularmente o inimigo (se este possui armas anticarro ou se essas já foram neutralizadas) e o terreno (se este permite a mobilidade da Vtr Guarani) irão definir se o ataque da tropa Inf Mec será embarcado ou não. Cabendo ressaltar, conforme descrito abaixo, as possíveis formas de assalto levantadas na experimentação doutrinária da 15ª Bda Inf Mec:

Foram praticados dois processos de ataques à Posição Defensiva Inimiga (P Def Ini):
 -fuzileiros desembarcados por uma Via de Acesso (VA) e as VBTP-MR do Pel Fuz por outra VA, cuja progressão iniciou-se após a supressão da DAC Ini;e
 -fuzileiros desembarcados apoiados pelos fogos das VBTP-MR, desde

posições de desenfiamento de couraça nas proximidades da linha de partida (LP) para executar tiros por cima ou pelos flancos da tropa durante sua progressão até o objetivo;

Nesses dois processos somente a tropa desembarcada realizou o assalto à posição inimiga, adotando a frente mínima do Pel Fuz Mtz que é de 150m.

Posteriormente, o Pel Fuz Mec realizou assaltos à P Def Ini com os fuzileiros desembarcados acompanhando as VBTP-MR. Nessas oportunidades o Pel foi disposto no terreno ocupando a frente de 300m, com a distância de 100m entre as VBTP-MR, o que permitiu atacar a frente total de até 500m. Essa condição permitiu dispersão entre as VBTP-MR bem como o apoio mútuo, conjugada com a proteção dos fuzileiros desembarcados. Essa frente obtida coincide com a frente máxima do Pel Fuz Bld.

Por fim, praticaram-se ataques sobre uma P Def Ini fracamente defendida, com a tropa embarcada que, após ultrapassar a linha de tocas, desembarcou para assaltar o núcleo inimigo. Nesses exercícios, o Pel Fuz Mec utilizou desde a frente mínima de 150m, a qual as VBTP-MR permanecem na distância mínima de 50m entre si, até a frente máxima de 300m. (OLIVEIRA, 2016)

É válida também a observação abaixo, extraída da publicação do resultado da experimentação doutrinária do BI Mec em uma marcha para o combate, conduzida pelo CI Bld, em ambiente virtual, que esclarece a eficiência do apoio de fogo fornecido pelo SARC REMAX:

Foi notório o elevado padrão de desempenho da Mtr REMAX, infligindo um maior número de baixas ao inimigo, com menor consumo de munição e à uma distância maior do objetivo, em comparação à Mtr PLATT, possibilitando o assalto e a conquista da posição com muito mais segurança e preservação do poder de combate das nossas tropas. De forma igualmente importante, destacou-se o fato de que, havendo condições de mobilidade, a VBTP Guarani dotada de Mtr REMAX oferece as condições necessárias para transportar os elementos embarcados até o objetivo, não sendo necessário o desembarque prematuro e o assalto a pé até a chegada à primeira linha. (ALEX, 2016)

Por último, corroborando as conclusões obtidas nas experimentações doutrinárias, bem como as opiniões dos especialistas, verifica-se que a tropa Inf Mec dos EUA também emprega raramente o assalto embarcado: “O comandante pode decidir, em situações raras, combater embarcado; ele baseia essa decisão nos fatores da decisão e por meio da consciência situacional” (UNITED STATES OF AMERICA. 2003a, p. 1-20, tradução do autor).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto às questões de estudo e objetivos propostos no início deste trabalho, conclui-se que a presente investigação atendeu ao pretendido, ampliando a compreensão sobre o emprego do BI Mec na M Cmb, no que diz respeito à função de combate movimento e manobra.

A revisão de literatura possibilitou concluir que, de maneira geral, uma marcha para o combate apresenta conceitos, medidas de coordenação e controle e características comuns, independentemente da tropa que a realize.

Por outro lado, verificou-se que o BI Mec não deverá ser empregado exatamente da mesma forma que o BIB, pois não possui uma mobilidade tão boa por não possuir lagartas nem o poder de choque resultante da composição de FT infantaria-carro de combate. Foi verificado ainda que capacidades foram agregadas à tropa Inf Mec, o que a diferiu das tropas motorizadas, principalmente por poderem chegar mais próximas do inimigo embarcadas, por possuir um GCB em cada Vtr, o que garante uma melhor consciência situacional e por possuírem maior poder de fogo, tanto o orgânico dos grupos de combate devido ao SARC REMAX, quanto o provido pelas frações da Cia C Ap, particularmente com a criação do Pel Ap F dotado de UT 30.

Além disso, o estudo da doutrina norte-americana suscitou uma possibilidade inteiramente nova. Assim como o batalhão da brigada Stryker busca engajar-se com o inimigo no momento e local definido pelo próprio batalhão, com a utilização da ferramenta do INFOSYS, esta possibilidade de tomar a iniciativa das ações e engajar o inimigo, mesmo na marcha para o combate, antes mesmo que este perceba a presença do batalhão parece ser possível ao BI Mec. O advento do GCB aliado ao radar da seção de vigilância terrestre e possivelmente o uso de aeronaves remotamente pilotadas levam a essa conclusão. Contudo a melhor forma de emprego desses meios deverá ser estudada diligentemente para o desenvolvimento dessas novas técnicas táticas e procedimentos que eventualmente terão profundas consequências na maneira de combater.

Dessa forma, entende-se que, a doutrina de emprego do BI Mec difere tanto da doutrina de emprego do BIB quanto do batalhão de infantaria motorizado (BI Mtz) e necessita, conseqüentemente, de uma doutrina específica para seu emprego.

No que se refere ao emprego do Pel Exp como Esc Rec, como é feito no BIB, concluiu-se, tanto pela opinião dos especialistas, quanto pelos conhecimentos oriundos de relatórios de M Cmb realizadas em guerra pelos EUA, que esta situação não é eficiente, uma vez que o Pel Exp não apresenta poder de combate suficiente para neutralizar ou fixar as tropas inimigas encontradas no eixo de progressão.

Comparando essa conclusão com as possibilidades do Pel Exp, surge a

necessidade de se verificar em experimentações doutrinárias a viabilidade de se passar grupos de exploradores em reforço ao Esc Cmb ou ao Esc Rec para realizar atividades específicas mais coerentes com suas capacidades, como reconhecimentos mais técnicos.

Recomenda-se, assim, que na doutrina de emprego do BI Mec na marcha do combate seja evitado o emprego do Pel Exp como Esc Rec, seja levada em conta a mobilidade reduzida através campo e sejam consideradas as capacidades adquiridas com a aquisição do radar de vigilância terrestre e da Vtr Guarani, em especial o GCB, o apoio de fogo do SARC REMAX, o canhão UT 30 e a blindagem da Vtr, ainda que incapaz de suportar tiro de armas anticarro.

Conclui-se, portanto, que os conceitos inerentes à marcha para o combate, as medidas de coordenação e controle, bem como a organização para o combate em grosso e forças de segurança são válidos independentemente da natureza da tropa. O que variará será a maneira como o Cmt Btl empregará as peças de manobra, de apoio de fogo e de apoio ao combate de que dispõe para cumprir essa missão. O Cmt deverá sempre atentar para os fatores da decisão com enfoque particular nos novos meios de que dispõe em contraste com as capacidades do inimigo com que se depara e observando o terreno em que progride.

Foi verificada ainda, ao longo da confecção do presente artigo, por meio de orientação recebida, que existe a necessidade de estudar melhor o emprego da Aviação do Exército em apoio ao BI Mec. Uma das formas sugeridas foi na execução de uma flancoguarda. Porém, mesmo nos Estados Unidos, onde o poderio militar é reconhecidamente superior, não é comum seu emprego sob controle operacional do batalhão, mas sim da brigada. Dessa forma, um maior aprofundamento deste assunto deve ser feito ao estudar-se a brigada na marcha para o combate.

Meios de aviação do exército podem conduzir operações em apoio ao batalhão Stryker, ainda que esses meios normalmente permaneçam em situação de controle operacional da brigada. Helicópteros de ataque podem realizar missões de encontrar, fixar e destruir forças inimigas, usando o fogo e a manobra para concentrar e manter poder de combate em local e momento decisivo. Meios de aviação podem também prover informações de reconhecimento aos comandantes de tropas de solo e realizar operações de ataque conjuntamente com tropas de solo (UNITED STATES OF AMERICA. 2003a, p. 1-21, tradução do autor)

Por último, no anexo A é apresentada uma sugestão de doutrina de emprego do BI Mec na Marcha para o Combate, na função de combate movimento e manobra.

REFERÊNCIAS

ALEX, Alexandre de Mesquita. A simulação virtual e a experimentação doutrinária. **Escotilha do Comandante**, Santa Maria, RS, ano 2, n. 46, p. 1-2, abr. 2016.

ALEX, Alexandre de Mesquita. O GC do Pel Inf Mec: célula mater da infantaria mecanizada. **Escotilha do Comandante**, Santa Maria, RS, ano 2, n. 45, p. 1-2, mar. 2016.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **C 2-20: Regimento de Cavalaria Mecanizado**. 2. ed. Brasília, DF, 2002a.

_____. _____. **C 7-20: Batalhões de Infantaria**. 3. ed. Brasília, DF, 2003a.

_____. _____. **C 17-20: Forças-Tarefas Blindadas**. 3. ed. Brasília, DF, 2002.

_____. _____. **C 20-1: Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército**. 3. ed. Brasília, DF, 2003b.

_____. _____. **EB20-MF-10.103: Operações**. 4. ed. Brasília: EGGCF, 2014.

_____. _____. **EB20-MC-10.203: Movimento e manobra**. 1. ed. Brasília: EGGCF, 2015.

_____. Exército. Estado-Maior. **Portaria Nº 038-RES, de 08 de Junho de 2010**: aprova, em caráter experimental, a Base Doutrinária de Brigada de Infantaria Mecanizada. Boletim Reservado do Exército nº 06, de 30 de junho de 2010. Brasília: 2010a.

_____. _____. _____. **Portaria Nº 039-RES, de 08 de Junho de 2010**: aprova, em caráter experimental, a Base Doutrinária de Batalhão de Infantaria Mecanizada. Boletim Reservado do Exército nº 06, de 30 de junho de 2010. Brasília: 2010b.

_____. _____. _____. **Portaria Nº 041-RES, de 09 de Junho de 2010**: aprova, as diretrizes para a implantação, em caráter experimental, da Base Doutrinária de Brigada de Infantaria Mecanizada e de Batalhão de Infantaria Mecanizada. Boletim Reservado do Exército nº 06, de 30 de junho de 2010. Brasília: 2010c.

_____. _____. _____. **Portaria Nº 286, de 09 de Dezembro de 2014**: atualiza a diretriz para a implantação, em caráter experimental, da Base Doutrinária de Brigada de Infantaria Mecanizada e de Batalhão de Infantaria Mecanizado (EB20-D-10.025). Boletim do Exército nº 52, de 26 de dezembro de 2014. Brasília: 2014.

_____. Exército. 15ª Brigada de Infantaria Mecanizada. Quadro de Cargos e Dotação de Material. In: EXPERIMENTAÇÃO DOUTRINÁRIA DA INFANTARIA MECANIZADA, 2016, Cascavel. **Proposta**. Cascavel: 15ª Brigada de Infantaria Mecanizada.

CAMERON, Robert S. **To fight or not to fight**: organizational and doctrinal trends in mounted maneuver reconnaissance from the interwar years to operation Iraqi Freedom. Kansas: Combat Studies Institute Press, 2010. 631 p.

Defesanet. VBMT-LR - Exército escolhe a LMV como viatura 4x4, 15abr16, Disponível em: <http://www.defesanet.com.br/guarani/noticia/22129/VBMT-LR---Exercito-Escolhe-a-LMV-como-viatura-4x4/> Acesso em: 25 fev 2017.

Defesanet. Infantaria mecanizada – uma realidade no Exército Brasileiro, 07jul13, Disponível em: <http://www.defesanet.com.br/guarani/noticia/11425/Infantaria-Mecanizada-%E2%80%93-Uma-Realidade-no-Exercito-Brasileiro/> Acesso em: 25 jan 2017

EPEX, escritório de projetos do exército brasileiro. **Conclusão do processo para obtenção de viaturas leves 4x4**. Disponível em <<http://www.epex.eb.mil.br/index.php/component/content/article?id=214> >. Acesso em: 18 nov 2016.

FLORES, Rangel Panichi. Torre UT-30BR. **Torreta do adjunto**, Santa Maria, RS, ano 1, n. 10, p. 1-2, jul. 2016.

HYMEL, Kevin M. **Strykers in Afghanistan**: 1st Battalion, 17th Infantry Regiment in Kandahar Province 2009. Kansas: Combat Studies Institute Press, 2014. 89 p.

IVECO, Veículos de defesa, manual técnico da viatura blindada de transporte de pessoal (VBTP-MR 6x6 Guarani): uso e manutenção de 1º escalão, ed. 1, jul. 2012.

JACOBINA, Bayardo Vellozo. Pelotão de exploradores: os olhos e ouvidos do comandante dos BIB, RCC e RCB, uma fração especial da tropa blindada. **Escotilha do Comandante**, Santa Maria, RS, ano 2, n. 52, p. 1-2, ago. 2016.

OLIVEIRA, Paulo Roberto. Experimentação doutrinária do pelotão de fuzileiros mecanizado. In: EXPERIMENTAÇÃO DOUTRINÁRIA DA INFANTARIA MECANIZADA, 2016, Cascavel. **Relatório**. Cascavel: 15ª Brigada de Infantaria Mecanizada, 2016.

POLSIN, Altair José. Exercício de simulação de combate da 15ª Brigada de Infantaria Mecanizada com o sistema COMBATER. In: EXPERIMENTAÇÃO DOUTRINÁRIA DA INFANTARIA MECANIZADA, 2014, Cascavel. **Relatório**. Cascavel: 15ª Brigada de Infantaria Mecanizada, 2014.

ROCHA, Paulo Geraldo Madureira. Experimentação doutrinária do pelotão de fuzileiros mecanizado 2016. In: EXPERIMENTAÇÃO DOUTRINÁRIA DA INFANTARIA MECANIZADA, 2016, Cascavel. **Relatório**. Cascavel: 33º Batalhão de Infantaria Mecanizado.

RODRIGUES, Eduardo Andrey. Entrevista concedida a Vinícius Paiva Cooper de Almeida. Rio de Janeiro, 18 jun. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “A” deste artigo científico]

RODRIGUES, Eduardo Andrey. O avanço tecnológico na Infantaria Mecanizada. **Escotilha do Comandante**, Santa Maria, RS, ano 2, n. 47, p. 1 e 2, maio. 2016.

SÁ, Edson Paulo Queiroz Silva. Entrevista concedida a Vinícius Paiva Cooper de Almeida. Rio de Janeiro, 21 jun. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “A” deste artigo científico]

SAUZEM, Elisandro Rodrigues. O sistema de armas remotamente controlado (SARC) REMAX. **Torreta do adjunto**, Santa Maria, RS, ano 1, n. 13, p. 1-2, nov. 2016.

UNITED STATES OF AMERICA (USA). Department of the US Army. **FM 3-21.21:** The Stryker Brigade Combat Team Infantry Battalion. Washington D.C.: 2003a.

UNITED STATES OF AMERICA (USA). Department of the US Army. **FM 3-21.94:** The Stryker Brigade Combat Team Infantry Battalion Reconnaissance Platoon. Washington D.C.: 2003b.

Anexo A

O BI Mec na M Cmb

1 Definição

A Marcha para o Combate é uma marcha tática na direção do inimigo, com a finalidade de obter ou restabelecer o contato com o mesmo e/ou assegurar vantagens que facilitem operações futuras. O melhor aproveitamento do dispositivo no momento do contato é obtido pela apropriada organização da força para o combate e pela manobra dos seus componentes. Esse tipo de operação ofensiva é executado agressivamente para se apossar do objetivo antes que o inimigo possa reagir.

2 Tipos

2.1 Quanto à segurança:

2.1.1 Coberta: caso exista uma força amiga interposta entre a unidade considerada e o inimigo e que seja capaz de proporcionar-lhe segurança.

2.1.2 Descoberta: caso não exista uma força amiga interposta entre a unidade considerada e o inimigo e ou caso esta força não seja capaz de proporcionar-lhe segurança.

2.2 Quanto à possibilidade do contato com o inimigo terrestre:

2.2.1 Remoto, quando este não pode atuar sobre a tropa;

2.2.2 Pouco provável, quando a possibilidade de contato é muito baixa; e

2.2.3 Iminente, quando, a qualquer momento, a tropa pode sofrer ação daquele.

3 Formas de deslocamento

O comandante da tropa deve desdobrar suas forças de forma a obter o máximo de velocidade, controle e segurança.

3.1 Coluna de marcha: quando o contato é remoto, o movimento é feito em coluna de marcha, dispositivo em que as unidades não necessitam ser agrupadas taticamente e podem deslocar-se por vários meios e por diferentes itinerários.

3.2 Coluna tática: quando o contato é pouco provável, o movimento é feito em coluna tática, onde as frações são agrupadas taticamente, sem desdobrarem-se, o que facilita a rápida adoção de dispositivo para o combate.

3.3 Marcha de aproximação: quando o contato é iminente, executa-se a marcha de aproximação, em que os elementos são agrupados taticamente e desdobrados.

4 Articulação

4.1 Grupamento principal ou grosso, composto pela maioria dos meios de combate e órgãos de apoio.

4.2 Forças de segurança (vanguarda, retaguarda e flancoguarda) de valor e composição variável, de acordo com os fatores da decisão.

5 Formas de emprego do batalhão na M Cmb

O batalhão pode encontrar-se em 4 situações: marchar como uma força independente, fazendo parte do grosso de uma brigada ou ainda, atuando como força de segurança da brigada, à frente, nos flancos, ou à retaguarda do grosso.

5.1 Parte do grosso: como parte do grosso, segue as ordens do comandante da brigada.

5.2 Vanguarda: como vanguarda tem a missão de evitar retardos desnecessários ao grosso e protegê-lo contra surpresas e ações inimigas terrestres vindas da frente.

5.3 Flancoguarda: como flancoguarda adota o dispositivo de um batalhão marchando isolado e atua na mesma altura do grosso, aproveitando-se de acidentes do terreno, para proteger o flanco da brigada. Caso não disponha de itinerários paralelos, o Btl desloca-se pelo mesmo eixo do grosso e envia frações periodicamente para ocupar posições de bloqueio sucessivas no flanco a ser protegido.

5.4 Retaguarda: como retaguarda atua como uma vanguarda invertida.

6 O BI Mec como vanguarda da Bda Inf Mec

6.1 Articulação: o batalhão vanguarda articula-se em grosso e forças de segurança (vanguarda, flancoguardas e retaguarda). A composição dos meios depende da decisão do comandante da unidade em como ele distribuirá as frações disponíveis nos diversos grupamentos de forças, tanto as orgânicas quanto as passadas em reforço ou apoio direto pelo escalão superior. Esta decisão deverá ser tomada em razão dos fatores da decisão.

6.1.1 Vanguarda: pode haver apenas uma SU vanguarda, ou duas, caso o Btl se desloque por dois eixos paralelos.

6.1.1.1 Composição da vanguarda: a subunidade (SU) vanguarda é dividida em escalão de reconhecimento, um pelotão que é lançado à frente e escalão de combate, a SU (-). Normalmente, a vanguarda é reforçada ou apoiada diretamente por elementos de engenharia, uma seção de canhões UT 30 do Pel Ap F e uma seção de MAC do Pel AC. O Pel Mrt P desloca-se a sua esteira. Grupos de exploradores e a seção de vigilância terrestre podem ser empregadas em apoio direto à vanguarda para facilitar o esclarecimento da situação e buscar definir a situação do inimigo antes que este perceba a presença de nossas tropas, de forma que o Btl possa tomar a iniciativa das ações.

6.1.1.2 Missão da vanguarda: sua missão é prover a segurança para o grosso e facilitar seu movimento contínuo. Ela deve ser capaz de rapidamente esclarecer a

situação, destruir os elementos de reconhecimento e retardamento do inimigo e remover obstáculos que interfiram no movimento.

6.1.1.3 Atuação do escalão de reconhecimento: o Esc Rec deverá ser composto de um Pel Fuz Mec e deverá operar cerca de 2 a 6 Km a frente da vanguarda, provendo adequado alerta e suficiente espaço para sua manobra. Quando a força inimiga é descoberta, procura determinar seu valor, composição, localização. Caso seja capaz de rechaçá-la, deverá fazê-lo sem hesitação, solicitando para isso o adequado apoio de fogo da SU. Caso o inimigo não possa ser combatido pelo Esc Rec, este deverá manter o contato e informar à SU, para que o Cmt Vg decida como agir.

6.1.3 Flancoguarda: a segurança nos flancos é estabelecida com um pelotão das SU do grosso, reforçado por meios de apoio de fogo, o qual deve atuar a uma distância de 2 a 3 km de forma a permitir ao grosso o tempo e o espaço necessário para manobrar e fazer face à ameaça.

6.1.4 Retaguarda: a última SU do Btl destaca um pelotão para compor a retaguarda. Esta fração deve permitir que o grosso possua o tempo e o espaço necessários para reagir às ameaças que incidam em sua Rg.

6.2 Atuação do batalhão como vanguarda

O Btl cumpre sua missão de forma agressiva, reconhece o terreno à frente e nos flancos, remove obstáculos do itinerário, repara pontes, constrói passagens, ataca e destrói as resistências inimigas, sem hesitação.

6.2.1 Ação ao ser estabelecido o contato: ao ser estabelecido o contato com o inimigo, o Esc Rec deve tentar destruir o mesmo. Caso não seja possível, ele o fixa para sua destruição pelo Esc Cmb, caso esta SU não o faça, ela deve fixá-lo para que o grosso do Btl faça frente à ameaça.

6.2.2 Ataque à posição inimiga: os fatores da decisão, particularmente o inimigo (se este possui armas anticarro ou se essas já foram neutralizadas) e o terreno (se este permite a mobilidade da VBTP-MR) definirão se o ataque da tropa Inf Mec será embarcado ou não.

6.2.3 Ataque desembarcado: normalmente, em uma M Cmb, a tropa inimiga que retarda o avanço de nossas tropas é de cavalaria mecanizada, sendo assim, fortemente apoiada por armas anticarro. Nesse caso, o sucesso em rechaçar as resistências inimigas é conseguido por meio da combinação de um assalto desembarcado, fortemente apoiado pelo fogo das Mtr P dos carros, dos Mrt Me e das peças de canhão sem recuo da SU e dos canhões UT 30, dos mísseis anticarro e dos Mrt P do Btl. O êxito do batalhão depende de sua capacidade de integrar e sincronizar o efeito das armas combinadas para apoiar o assalto desembarcado no combate aproximado.

7 A função de combate fogos do BI Mec na M Cmb

8 A função de combate inteligência do BI Mec na M Cmb

9 A função de combate comando e controle do BI Mec na M Cmb

11 A função de combate logística do BI Mec na M Cmb

O EMPREGO DO BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO NA MARCHA PARA O COMBATE: A FUNÇÃO DE COMBATE MOVIMENTO E MANOBRA

Vinícius Paiva Cooper de Almeida
Luimar José da Silva Júnior

RESUMO

O presente estudo buscou analisar qual a forma de emprego mais adequada para o Batalhão de Infantaria Mecanizado durante uma marcha para o combate, com enfoque na função de combate movimento e manobra. Por meio de um estudo bibliográfico e documental, entrevistas com especialistas e discussões em grupo focal, buscou-se atingir os objetivos elencados como essenciais para concluir o estudo. Foram identificados o quadro de cargos e de dotação de material do Batalhão de Infantaria Mecanizado adotado no Exército Brasileiro, bem como as características da marcha para o combate nas doutrinas nacional e norte-americana. Foram reconhecidos os pontos fortes e oportunidades de melhoria na doutrina norte-americana, observados em relatórios de emprego de suas tropas da brigada Stryker em combate. Foram identificadas também as conclusões obtidas após as experimentações doutrinárias da infantaria mecanizada, a respeito de seu emprego na marcha para o combate. Os pontos relevantes foram discutidos com especialistas no assunto. Por fim, com base no conhecimento adquirido, foi proposto um capítulo para o futuro manual do Batalhão de Infantaria Mecanizado, tratando de seu emprego na marcha para o combate, na função de combate movimento e manobra.

Palavras-chave: Infantaria mecanizada, movimento e manobra, marcha para o combate.

ABSTRACT

The present study had the purpose of analyzing the most appropriate form of employment of the mechanized infantry battalion during a movement to contact operation, focusing on the movement and maneuver function. Through a bibliographical and documentary study, interviews with specialists and discussions in focus group, it aimed to reach the objectives listed as essential to conclude the study. The organization, personnel functions and the material adopted by the mechanized infantry battalion were identified, as were the characteristics of the movement to contact operation in both national and North American doctrines. Then strengths and opportunities for improvement in American doctrine, described in reports of the employment of the American Stryker brigade troops in combat were acknowledged. The conclusions obtained after the offensive operations experimentation on a mechanized infantry battalion, regarding its use in the movement to contact operation, were also verified. Relevant points were discussed with experts. Finally, based on the knowledge acquired, a chapter was proposed for the future manual of the Mechanized Infantry Battalion, in regards to its use in the movement to contact operation, focused on the movement and maneuver function.

Keywords: Mechanized infantry, movement and maneuver, movement to contact.

* Capitão da Arma de Infantaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2007.

* Capitão da Arma de Infantaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2005. Especializado em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) em 2015.

1 INTRODUÇÃO

Em 2008, o poder político desenvolveu a Estratégia Nacional de Defesa (END), que direciona a transformação da defesa nacional. Seguindo as diretrizes da END, o Ministério da Defesa criou o Plano de Articulação e Equipamentos de Defesa (PEAD). Por meio deste plano, foram criados sete Projetos Estratégicos do Exército (PEE), entre eles o PEE GUARANI. Este Projeto pretende implantar até 2031 organizações capacitadas a operar com as plataformas de combate preparadas para as exigências do combate moderno. Surge desta forma uma nova natureza da Infantaria no Exército Brasileiro (EB): a Infantaria Mecanizada (Inf Mec).

Na Portaria, Nr 286, do Estado Maior do Exército, de 09 de dezembro de 2014, que tem como finalidade orientar o prosseguimento da implantação da Base Doutrinária de Brigada de Infantaria Mecanizada (Bda Inf Mec) no EB, o Departamento de Educação e Cultura do Exército recebeu a atribuição de participar da elaboração dos manuais doutrinários.

Dentre os manuais doutrinários necessários, está o do Batalhão de Infantaria Mecanizado (BI Mec), sendo que um dos assuntos a serem tratados nesse manual é o emprego do BI Mec na marcha para o combate.

1.1 PROBLEMA

Para poder confeccionar esta base doutrinária, surgem diversas perguntas, dentre elas, o problema que é o enfoque do presente trabalho: qual a forma adequada de emprego do batalhão de infantaria mecanizado em uma marcha para o combate, no que diz respeito à função de combate movimento e manobra?

1.2 OBJETIVOS

O presente estudo pretende analisar as capacidades do BI Mec do EB, e, a partir deste dado, verificar, comparando com as doutrinas de outros exércitos e com experimentações doutrinárias, qual a forma de emprego mais adequada para esta unidade durante uma marcha para o combate, com enfoque na função de combate movimento e manobra.

Para viabilizar a consecução do objetivo geral de estudo, foram formulados os objetivos específicos, abaixo relacionados, que permitiram o encadeamento lógico do raciocínio descritivo apresentado neste estudo:

- a) Identificar a organização em utilização pelo EB para o BI Mec;

- b) Identificar as características de uma marcha para o combate na doutrina nacional;
- c) Identificar as características de uma marcha para o combate na doutrina norte-americana;
- d) Comparar a forma de emprego de um batalhão de infantaria blindado (BIB) do EB e de um BI Mec dos Estados Unidos da América (EUA) para o emprego em uma marcha para o combate;
- e) Reconhecer os pontos fortes e oportunidades de melhoria na doutrina norte americana, observados após o emprego de suas tropas de Inf Mec em combate;
- f) Identificar as conclusões obtidas após as experimentações doutrinárias da Inf Mec, a respeito de seu emprego na marcha para o combate; e
- g) Propor o capítulo do futuro manual do BI Mec, referente à função de combate movimento e manobra, na marcha para o combate.

1.3 JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES

A implantação da Infantaria Mecanizada no Exército Brasileiro já é uma realidade. A antiga 15ª Brigada de Infantaria Motorizada foi transformada na 15ª Brigada de Infantaria Mecanizada (15ª Bda Inf Mec), assim como seus batalhões orgânicos também se tornaram mecanizados. Lotes de VBTP-MR Guarani foram recebidos e vêm sendo empregados nas organizações militares. Experimentações doutrinárias são realizadas no Centro de Instrução de Blindados (CI Bld). Possíveis quadros de dotação de material (QDM) e quadros de cargos de pessoal (QCP) a serem adotados são amplamente discutidos. Armamentos para dotar as VBTP-MR estão sendo adquiridos.

Desta forma, a doutrina militar terrestre referente à infantaria mecanizada vem sendo estabelecida. O EB está definindo com o que combater (QDM), com qual efetivo combater (QCP) e com base nas experimentações doutrinárias e comparações com outros exércitos, busca definir como combater.

Dentro deste contexto, justifica-se o presente estudo, uma vez que se observa na doutrina terrestre esta lacuna: como combater com tropas de Inf Mec.

Portanto, é de grande relevância pesquisar qual seria a forma de emprego adequada para o BI Mec em uma marcha para o combate.

2 METODOLOGIA

Para colher subsídios que permitissem formular uma possível solução para o problema, o delineamento desta pesquisa contemplou leitura analítica e fichamento das fontes, entrevistas, argumentação e discussão de resultados.

Inicialmente foram estudadas as novas capacidades propostas para o batalhão de infantaria mecanizado brasileiro.

Em seguida foram analisadas a doutrina nacional vigente relativa à marcha para o combate; a doutrina norte americana para a marcha para o combate realizada por um batalhão Stryker; e as semelhanças e diferenças deste tipo de operação realizada por unidades de natureza semelhante.

Posteriormente foram estudadas análises do desempenho do batalhão Stryker norte americano em combate e do desempenho da doutrina nacional proposta para a Inf Mec em experimentações doutrinárias.

Quanto à forma de abordagem do problema, utilizaram-se, principalmente, os conceitos de pesquisa qualitativa, pois, o conhecimento obtido pelo estudo da literatura existente em comparação com as experimentações doutrinárias juntamente com a análise da opinião de especialistas no assunto foram preponderantes no presente estudo.

Quanto ao objetivo geral, foi empregada a modalidade descritiva, com enfoque na revisão do que foi publicado sobre a doutrina nacional, a norte-americana, a experimentação doutrinária e o emprego em combate, paralelamente, foi feito um levantamento por meio de entrevistas com militares que possuem vivência profissional relevante sobre o assunto.

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Iniciamos o delineamento da pesquisa com a definição de termos e conceitos, a fim de viabilizar a solução do problema de pesquisa, sendo baseada em uma revisão de literatura no período de abr/2003 a maio/2017. Essa delimitação baseou-se na necessidade de atualização do tema, visto que a Inf Mec é recente no EB.

O limite anterior foi determinado almejando incluir a publicação mais atual do manual de BI Mec norte-americano, o Batalhão da Brigada Stryker (SBCT – Inf Btl).

Foram utilizadas as palavras-chave marcha para o combate, movimento e manobra, infantaria mecanizada, guarani, stryker e seus correlatos em inglês, na

base de dados *Ike Skelton Combined Arms Research Library Digital Library*, *Internet Archive Search* em sítios eletrônicos de procura na internet, biblioteca de monografias da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), sendo selecionados apenas os artigos em português e inglês. O sistema de busca foi complementado pela coleta manual de relatórios de exercícios militares, bem como de manuais de campanha referentes ao tema, do EB e dos EUA.

Quanto ao tipo de operação militar, a revisão de literatura limitou-se a operações de guerra.

a. Critério de inclusão:

- Estudos publicados em português e inglês relacionados à infantaria mecanizada; e
- Estudos, matérias jornalísticas que retratam inovações tecnológicas com reflexos nos materiais de emprego militar a serem adotados pela Inf Mec brasileira.

b. Critério de exclusão:

- Estudos que abordam o emprego da infantaria mecanizada em conflitos anteriores às guerras do golfo.

2.2 COLETA DE DADOS

Na sequência do aprofundamento teórico a respeito do assunto, o delineamento da pesquisa contemplou a coleta de dados por meio de entrevista e de discussão em um grupo focal.

2.2.1 Entrevistas

Com a finalidade de ampliar o conhecimento teórico e identificar experiências relevantes, foram realizadas entrevistas exploratórias com os seguintes especialistas, em ordem cronológica de execução:

Nome	Justificativa
ANDREY EDUARDO RODRIGUES – Maj EB	Instrutor do CI Bld, responsável por instruções da VBTP Guarani e do emprego tático de SU e U Bld. Um dos responsáveis pela experimentação doutrinária do BI Mec por meio de simulação virtual.
EDSON PAULO QUEIROZ SILVA DE SÁ – Maj EB	Serviu no 33º BI Mec em 2012 e 2013, quando exerceu a função de S-3 e foi responsável pela experimentação doutrinária da Inf Mec.

QUADRO 1 – Quadro de Especialistas entrevistados

Fonte: O autor

2.2.2 Grupo Focal

Devido à natureza exploratória da investigação e à necessidade de um estudo integrado da função de combate movimento e manobra com as demais funções de combate e finalizando a coleta de dados, foi conduzido um grupo focal, visando a debater os resultados colhidos na pesquisa, com os seguintes especialistas:

Nome	Justificativa
RODRIGO RIBEIRO – Cap EB	Escreve um artigo científico sobre o emprego BI Mec na marcha para o combate, na função de combate comando e controle.
CHRISTIAN DOS SANTOS BRESSAN VITAL – Cap EB	Escreve um artigo científico sobre o emprego BI Mec na marcha para o combate, na função de combate fogos.
DIÓGENES GUSTAVO CARNEIRO – Cap EB	Escreve um artigo científico sobre o emprego BI Mec na marcha para o combate, na função de combate logística.
RAFAEL DE ABREU BICALHO – Cap EB	Escreve um artigo científico sobre o emprego BI Mec na marcha para o combate, na função de combate inteligência.

QUADRO 2 – Quadro de Especialistas participantes do Grupo Focal

Fonte: O autor

Durante a orientação do referido grupo focal, foram levantadas, como pautas, divergências entre o encontrado na literatura analisada e a percepção dos entrevistados, notadamente nos seguintes aspectos:

- a) Emprego do pelotão de exploradores como escalão de reconhecimento;
- b) Emprego do BI Mec para realizar o ataque embarcado; e
- c) Constituição do escalão de combate.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O BI Mec, em sua configuração atual prevista em quadro de cargos (QC), é composto pelo comando e por 04 SU, sendo uma companhia de comando e apoio (Cia C Ap) e três de fuzileiros mecanizados (Cia Fuz Mec). Possui, portanto, uma estrutura ternária.

As Cia Fuz Mec são compostas por três pelotões de fuzileiros mecanizados (Pel Fuz Mec) e por um pelotão de apoio (Pel Ap). Cada Pel Fuz Mec possui três grupos de combate (GC) e um grupo de apoio (G Ap) distribuídos em quatro VBTP-MR Guarani. Enquanto o Pel Ap está constituído a uma seção anticarro com 03 peças e uma seção de morteiros médios com duas peças. As principais diferenças em relação ao batalhão de infantaria blindado (BIB) foram que o grupo de apoio ganhou um 3º sargento comandante e a seção anticarro do Pel Ap ganhou mais uma

viatura, sendo cada peça transportada por sua própria viatura (Vtr). Além disso a capacidade do atirador de metralhadora pesada (Mtr P) para detectar e engajar alvos aumentou sobremaneira com a adoção do sistema de armas remotamente controlado (SARC) REMAX que permite o tiro estabilizado, mesmo com o Guarani em movimento.

A Cia C Ap é composta por nove pelotões: o de comando, de exploradores, anticarro, de morteiros pesados, de comunicações, de suprimento, de manutenção, de saúde e de apoio de fogo.

Algumas novidades foram implementadas em relação aos demais batalhões de infantaria do EB. No pelotão de comando foram introduzidas a seção de vigilância terrestre, a de caçadores e a de segurança, o que aumenta a capacidade de reconhecimento e aquisição de alvos e ainda libera o pelotão de exploradores (Pel Exp) de missões rotineiras nos BIB, como a segurança de posto de comando e área de trens.

O pelotão de exploradores será dotado com seis viaturas blindadas multitarefas leves sobre rodas (VBMT-LR), o que aumentou a sua proteção em relação ao pelotão de exploradores dos BIB, que não adotava Vtr Bld. A VBMT-LR, conforme artigo do site Defesonet, publicado em abril de 2016, possui proteção balística nível 3, capaz de suportar disparos de 7.62mm a 30m e proteção anti-minas Nível 2, em qualquer das 4 rodas. Pode receber sistemas de armas manual ou remotamente controlado, nos calibres 7,62 ou 12,7 mm e um lança-granadas de 40 mm. Apesar disso, a capacidade de reconhecimento e vigilância dessa fração não foi alterada em relação ao mesmo pelotão dos BIB, pois continua com o mesmo número de viaturas e grupos de exploradores.

O pelotão de comunicações ficou mais robusto, para atender às demandas de maiores distâncias alcançadas por esta tropa de alta mobilidade e para permitir uma maior capacidade de consciência situacional.

O pelotão anticarro passa a ser composto por seções de míssil anticarro e não mais de canhão sem recuo, o que permite um maior alcance e precisão do armamento voltado para a defesa contra os carros de combate inimigos.

Foi introduzido um pelotão de apoio de fogo, dotado de quatro viaturas Guarani com canhão Unmanned Turret 30mm Brazil (UT-30BR), uma torre não

tripulada, estabilizada em direção e elevação, blindada e montada externamente. De acordo com Flores, 2016, esta torre possui um canhão automático 30mm ATK Bush Master MK44, com alcance útil de 3000m. Possui também uma metralhadora coaxial 7,62mm e um lançador de granadas fumígenas 76mm que pode lançar 08 granadas a aproximadamente 30 metros de distância, formando uma cortina de fumaça de cerca de 100 metros de frente, que obscurece as vistas sobre a viatura e a protege contra a telemetria laser dos armamentos inimigos. A UT-30BR possui um dispositivo de segurança de detecção de ameaça laser que alerta quando a torre recebe uma ameaça laser inimiga, informando a direção de origem e aponta automaticamente ou manualmente para a direção. Outro recurso muito útil disponível é o acompanhamento automático de alvos, que garante maior precisão e eficiência no tiro.

Outra capacidade que foi ampliada nos BI Mec em relação às demais tropas de infantaria foi a de consciência situacional, uma vez que cada Vtr adota um sistema de gerenciamento de campo de batalha, o GCB:

O GCB é uma ferramenta tecnológica que permite ao comandante acompanhar o desempenho da fração, transmitindo em tempo real informações como: localização, quantidade de combustível, quantidade de munição e outras relacionadas ao funcionamento de cada VBTP. Possibilita também aos comandantes coordenar e controlar suas frações, emitindo ordens fragmentárias, enviando calcos, mensagens e locando tropas inimigas e não combatentes. (RODRIGUES, 2016)

Por último, ainda que a Inf Mec tenha agregado novas capacidades à infantaria, as tropas dessa natureza continuam sendo voltadas para o combate a pé, conforme ressaltam tanto o Maj Andrey quanto o Maj Edson Paulo em suas entrevistas, visto que não são dotadas de viaturas blindadas de combate de infantaria (VBCI), mas sim de viaturas blindadas de transporte de pessoal (VBTP). Além disso, diferentemente da infantaria blindada, as brigadas de infantaria mecanizada (Bda Inf Mec) não terão em sua composição regimentos de carro de combate (RCC), o que não permitirá a constituição de forças tarefa (FT) infantaria-carros:

A VBTP-MR 6x6 Guarani, apesar de todo avanço que trouxe consigo, em nenhum momento deixou de ser uma viatura blindada de transporte de tropas, cujo objetivo primordial é aumentar a capacidade de sobrevivência da tropa transportada, conduzindo-a, pelo maior tempo possível, ao mais próximo do inimigo. Este conceito é totalmente diferente de uma viatura blindada de combate de fuzileiro, destinada ao combate embarcado. (RODRIGUES, 2016)

Desta forma, chega-se à conclusão de que essas novas capacidades levarão a uma adaptação da doutrina de emprego do BI Mec na marcha para o combate, adotando-se tanto características do emprego do BI Mtz quanto do BIB neste tipo de operação e acrescentar-se-ão ainda novas características devido a essas novas possibilidades.

Depois de analisada a constituição, os meios, as capacidades e diferenças do BI Mec em relação às demais tropas de infantaria, é preciso compreender a operação ofensiva marcha para o combate (M Cmb). O manual de operações da força terrestre define seu conceito:

A Marcha para o Combate é uma marcha tática na direção do inimigo, com a finalidade de obter ou restabelecer o contato com o mesmo e/ou assegurar vantagens que facilitem operações futuras. O melhor aproveitamento do dispositivo no momento do contato é obtido pela apropriada organização da força para o combate e pela manobra dos seus componentes. Esse tipo de operação ofensiva é executado agressivamente para se apossar do objetivo antes que o inimigo possa reagir. (BRASIL, 2014, p.4-6)

As peculiaridades da marcha são discriminadas nos manuais específicos das tropas de diferentes naturezas, como o C 7-20 Batalhões de Infantaria e C 17-20 Forças-tarefas Blindadas. Os diversos pontos em comum serão especificados a seguir.

A marcha para o combate pode ser coberta ou descoberta, caso exista ou não uma força amiga interposta entre a unidade considerada e o inimigo e que seja capaz de proporcionar-lhe segurança.

Quanto à possibilidade do contato com o inimigo terrestre, a marcha pode ser de contato remoto, quando este não pode atuar sobre a tropa; pouco provável, quando a possibilidade de contato é muito baixa; e iminente, quando, a qualquer momento, a tropa pode sofrer ação daquele.

O comandante da tropa deve desdobrar suas forças de forma a obter o máximo de velocidade, controle e segurança. Quando o contato é remoto, o movimento é feito em coluna de marcha, dispositivo em que as unidades não necessitam ser agrupadas taticamente e podem deslocar-se por vários meios e por diferentes itinerários. Quando o contato é pouco provável, o movimento é feito em coluna tática, onde as frações são agrupadas taticamente, sem desdobrarem-se, o que facilita a rápida adoção de dispositivo para o combate. Quando o contato é iminente,

executa-se a marcha de aproximação, em que os elementos são agrupados taticamente e desdobrados.

Em uma marcha para o combate, a tropa articula-se em um grupamento principal ou grosso, composto pela maioria dos meios de combate e órgãos de apoio e em forças de segurança (vanguarda, retaguarda e flancoguarda) de valor e composição variável, de acordo com os fatores da decisão.

O batalhão pode encontrar-se em 4 situações: marchar como uma força independente, fazendo parte do grosso de uma brigada ou ainda, atuando como força de segurança da brigada, à frente, nos flancos, ou à retaguarda do grosso.

Como parte do grosso, segue as ordens do comandante da brigada. Como flancoguarda adota o dispositivo de um batalhão marchando isolado e atua na mesma altura do grosso, aproveitando-se de acidentes do terreno, para proteger o flanco da brigada. Caso não disponha de itinerários paralelos, o Btl desloca-se pelo mesmo eixo do grosso e envia frações periodicamente para ocupar posições de bloqueio sucessivas no flanco a ser protegido. Como retaguarda atua como uma vanguarda invertida. Por último, como vanguarda tem a missão de evitar retardos desnecessários ao grosso e protegê-lo contra surpresas e ações inimigas terrestres vindas da frente. A atuação do BI Mec como vanguarda em uma marcha de aproximação é o enfoque deste artigo.

Da mesma forma que a brigada, o batalhão vanguarda também articula-se em grosso e forças de segurança. A subunidade (SU) vanguarda ainda é dividida em escalão de reconhecimento, um pelotão que é lançado à frente e escalão de combate, a SU propriamente dita.

A maneira como o comandante do batalhão ou regimento irá compor os meios para a marcha reflete diretamente no sucesso da missão, pois “o melhor aproveitamento do dispositivo no momento do contato é obtido pela apropriada organização da força para o combate” BRASIL, 2014, p.4-6.

A composição dos meios depende da decisão do comandante da unidade em como ele distribuirá as frações disponíveis nos diversos grupamentos de forças, tanto as orgânicas quanto as passadas em reforço ou apoio direto pelo escalão superior.

De acordo com o C 17-20, a vanguarda (Vg) numa M Cmb é constituída por uma SU. Sua composição dependerá do estudo de situação e dos fatores da decisão. Elementos de engenharia devem integrá-la. Quando o Btl deslocar-se por dois eixos paralelos, devem ser constituídas duas vanguardas, que deverão atuar de forma coordenada. A missão da Vg é prover a segurança para o grosso e facilitar seu movimento contínuo. Ela deve ser capaz de rapidamente esclarecer a situação, destruir os elementos de reconhecimento e retardamento do inimigo e remover obstáculos que interfiram no movimento.

O Pel Exp pode integrar-se à vanguarda, quando deverá operar cerca de 2 a 6 Km a sua frente, provendo adequado alerta e suficiente espaço para a manobra da Vg. Quando a força inimiga é descoberta, o Pel Exp procura determinar seu valor, composição, localização. O engajamento decisivo deve ser evitado, mas, uma vez estabelecido o contato, este deve ser mantido e todas as atividades do inimigo devem ser informadas ao Cmt Vg.

A segurança nos flancos é estabelecida com um pelotão das SU do grosso, o qual deve atuar a uma distância de 2 a 3 km de forma a permitir ao grosso o tempo e o espaço necessário para manobrar e fazer face à ameaça.

A última SU do Btl destaca um pelotão para compor a retaguarda. Esta fração deve permitir que o grosso possua o tempo e o espaço necessários para reagir às ameaças que incidam em sua Rg.

O Btl cumpre sua missão de forma agressiva, reconhece o terreno à frente e nos flancos, remove obstáculos do itinerário, repara pontes, constrói passagens, ataca e destrói as resistências inimigas, sem hesitação.

Ao ser estabelecido o contato com o inimigo, o Esc Rec deve tentar destruir o mesmo. Caso não seja possível, ele o fixa para sua destruição pelo Esc Cmb, caso esta SU não o faça, ela deve fixá-lo para que o grosso do Btl faça frente à ameaça.

A marcha para o combate termina ao ser atingido o objetivo de marcha.

Ao se estudar a doutrina do exército dos Estados Unidos da América (EUA), percebe-se que a doutrina nacional se assemelha muito à daquele país.

De acordo com o manual FM 3-21.21 The Stryker Brigade Combat Team Infantry Battalion, a marcha para o combate é realizada quando a situação é vaga ou quando o contato com o inimigo foi perdido. Tem o propósito de estabelecer ou

reestabelecer o contato. Deve ser realizada de uma maneira que permita a manobra e o desdobramento completo da tropa, para manter a liberdade de ação e derrotar o inimigo uma vez estabelecido o contato. A flexibilidade é essencial para a manutenção da iniciativa. A operação termina com a ocupação de um objetivo designado ou quando a resistência inimiga requer o desdobramento do batalhão para um ataque. Um batalhão designado para uma marcha para o combate recebe uma zona de ação ou um eixo de progressão e um objetivo que garanta o contato com o inimigo.

A tropa é organizada em uma força de segurança, composta pelo escalão de reconhecimento e vigilância, em uma vanguarda, o grosso da unidade, uma retaguarda e flancoguardas.

Apesar de abordar este tipo de operação de maneira semelhante, o manual americano aborda situações mais específicas que aprofundam a forma de emprego do batalhão na marcha para o combate, enfatizando: as ações nos obstáculos, a destruição das forças inimigas, o desbordamento de resistências fracas, o combate de encontro e as opções de manobra disponíveis para o comandante de Btl.

O desenrolar da operação ocorre com o escalão de reconhecimento identificando o inimigo, mantendo-o sob vigilância e informando à vanguarda, para que esta possa engajá-lo. Esta é uma diferença importante, pois, via de regra, o Esc Rec não estabelece o Ctt, apenas vigia, buscando ver sem ser visto.

Nesse sentido, apesar de não deixar de abordar a maneira tradicional de se conduzir uma marcha para o combate, o manual norte-americano salienta que a nova capacidade de detecção do batalhão Stryker permite que o contato com o inimigo seja realizado em melhores condições:

Tradicionalmente, um batalhão estabelecia contato com o inimigo por meio do pelotão de exploradores e com o escalão de combate para esclarecer a situação. Em seguida a subunidade vanguarda fixava o inimigo permitindo que o batalhão manobrasse contra um flanco acessível (...) Com o INFOSYS agregado no batalhão da brigada Stryker um novo método de se estabelecer contato é requerido. Esse novo contato contínuo consiste em compreender a situação, manobrar para uma posição de vantagem fora do contato e estabelecer contato com o inimigo nos termos do batalhão. Com isso, é possível concentrar poder de combate de maneira massiva no ponto decisivo para atingir seu objetivo mais eficiente e eficazmente. (UNITED STATES OF AMERICA, 2003a, p. 4-2, tradução do autor)

Um aspecto relevante ao se comparar nossa doutrina com a norte-americana é o de que aquele país participa constantemente de combates e, com isso, pode colocar sua doutrina à prova.

Ao estudar relatórios do emprego de tropas mecanizadas na guerra no Afeganistão, foi levantado uma questão que pode ser útil para a definição da doutrina de emprego do BI Mec:

A experiência em combate gerou uma avaliação mais ampla das questões organizacionais e de material relacionadas ao reconhecimento embarcado. Uma série de mudanças foram propostas para corrigir os problemas mais sérios. O frequente emprego do esquadrão de reconhecimento HBCT em tarefas diferentes de pura coleta de informação somado com seu limitado poder de combate levou o Centro de Cavalaria a recomendar uma organização de pelotões mais poderosa. Recomendações paralelas reforçaram o pelotão de reconhecimento do batalhão Stryker com mais dois Strykers. (CAMERON, 2010, p. 525, tradução do autor)

O batalhão norte americano Stryker emprega como força de reconhecimento o pelotão de reconhecimento dotado de 04 VBTP-MR Stryker que transportam ao todo 03 equipes de reconhecimento de 05 homens, de acordo com o manual FM 3-21.21 The Stryker Brigade Combat Team Infantry Battalion, nas páginas 1-17 e 4-20. De acordo com a observação acima, a tendência é que este passe a ser dotado de 06 Vtr.

De acordo com o Escritório de Projetos do Exército Brasileiro, foi definida recentemente a viatura blindada leve sobre rodas que será adotada pela Inf Mec. Esta viatura provavelmente dotará o pelotão de exploradores do BI Mec, a 06 Vtr. “O Projeto Guarani concluiu o processo para obtenção das viaturas leves, 4x4. Em Reunião Decisória Especial de 06 de abril de 2016, sobre a Viatura Blindada Multitarefa, leve sobre rodas, foi escolhida a viatura LMV da empresa IVECO.” (EPEX, 2016). Em termos de efetivo, esta organização está condizente com as observações feitas pelos norte-americanos, com base em seu emprego em combate. Há de se verificar, contudo, o poder de fogo com o qual serão dotadas as Vtr do Pel Exp, uma vez que no caso do Btl Stryker, foi verificado que esta fração precisa de um forte poder de fogo. Desta forma percebe-se que as observações de combate apontam que, no caso do BI Mec nacional não seria interessante empregar o Pel Exp como Esc Rec, mas sim um Pel Fuz Mec, pois este sim seria dotado de Vtr Bld Guarani.

Estas observações corroboram as impressões salientadas por ambos especialistas entrevistados no presente estudo.

O Maj Andrey acredita que o oprônico do Remax potencializa a capacidade de poder de fogo do Pel Fuz Mec pela maior precisão dos tiros, bem como a capacidade de detecção, reconhecimento e identificação tendo em vista as câmeras diurna e termal. Desta forma, considera mais interessante o seu emprego como Esc Rec, em relação ao Pel Exp.

Já o Maj Edson Paulo afirma que tem sérias ressalvas sobre o emprego do Pel Exp como Esc Rec, pois este não teria poder de combate suficiente para manter a impulsão e combater pequenas resistências inimigas, dessa forma o escalão de combate teria sempre que se desdobrar e assim o Btl perderia tempo. O Ini quer trocar espaço por tempo para preparar sua defesa, ao identificar que é uma tropa de reconhecimento que está esclarecendo a situação, não retraina até conseguir obrigar o BI Mec a se desdobrar e perder tempo.

Contudo, há de se salientar a finalidade da existência do pelotão de exploradores que é o reconhecimento:

Passados quase vinte anos da criação dessa fração é importante compreender que a intenção inicial ao se criar o Pelotão de Exploradores: dotar os RCC, BIB e RCB com uma fração que pudesse facilitar o deslocamento das FT SU, reconhecendo pontos críticos na zona de ação dessas OM e no interior das posições inimigas, preservando-as FT SU Bld para a ação principal, auxiliar na condução dos fogos de morteiro e artilharia, vigiar os flancos e áreas de retaguarda, atuando embarcado ou desembarcado de acordo com as imposições do terreno, do inimigo e da missão. (JACOBINA, 2016)

Isso, somado ao fato de a existência da seção de segurança no pelotão de comando do BI Mec liberar o pelotão de exploradores de missões rotineiras de segurança de posto de comando e área de trens, leva a refletir sobre a possibilidade de passar grupos de exploradores em reforço à SU vanguarda. Estudo que deverá ser pormenorizado em futuras experimentações doutrinárias.

Ainda que o estudo de uma doutrina testada e atualizada como a norte-americana seja essencial para dar o direcionamento inicial, não é possível embasar a doutrina nacional inteiramente em observações alienígenas. Nesse sentido, as experimentações doutrinárias englobando a simulação virtual executada pelo CI Bld e a simulação viva conduzida pela 15ª Bda Inf Mec permitiram adequar mais o

estudo à realidade nacional, de acordo com os meios adotados pelo Exército Brasileiro.

De acordo com o relatório da experimentação doutrinária do 33º BI Mec, de 30 de maio de 2016, foi verificado que a profundidade de uma SU Inf Mec na M Cmb é de aproximadamente 6 Km e a do BI Mec é de cerca de 24 Km, sendo assim, um Pel sozinho não consegue manter a segurança de um flanco exposto. Neste caso uma Cia Fuz Mec deveria ser empregada nesse tipo de missão. Para coordenar a ocupação das posições de bloqueio, há a necessidade de serem estabelecidas linhas de controle perpendiculares ao eixo de progressão do grosso e da flancoguarda. A utilização do Gerenciamento do Campo de Batalha (GCB) permite visualizar as medidas de coordenação e controle, contribuindo para o êxito da missão.

O relatório considera ainda a necessidade de aumentar o poder de fogo dessa fração que realiza missão de flancoguarda, passando-se uma seção do Pel Ap F em reforço a esta SU. Fazendo-se um paralelo, percebe-se que também é interessante fazer o mesmo com a SU vanguarda. Opinião também demonstrada por ambos entrevistados que acreditam não ser interessante empregar a seção de UT 30 junto ao Esc Rec, para não expô-la prematuramente, mas sim junto ao Esc Cmb para que este possa apoiar o quanto antes o pelotão que está à frente para que ele possa se desengajar e destruir a resistência inimiga.

A UT 30 permite um engajamento a uma maior distância que a Mtr P sobre o PLATT ou no REMAX, com isso ela poderá ser empregada para impedir que o Esc Cmb ou Esc Rec fique detido por muito tempo. Dessa forma acho conveniente reforçar o Esc Cmb com uma seção do Pel Ap F. Já no caso do Esc Rec, a situação é diferente. Livros da Guerra do Golfo dizem que os Cmt Pel que recebiam VBCI BRADLEY tinham dificuldade em comandar suas peças de manobra e ainda coordenar o emprego dessas VBCI. O mesmo poderia acontecer se a Seç de Ap F ao Esc Rec. Além disso, essa situação exporia prematuramente esta Vtr que seria um alvo altamente compensador para o inimigo. (SÁ, 2017)

Um aspecto importante ressaltado no relatório de experimentação doutrinária da 15ª Bda Inf Mec diz respeito à grande diferença de mobilidade da Vtr sobre rodas para a Vtr sobre lagartas “substancial diferença da VBTP-MR GUARANI e da VBTP M113 com relação às características técnicas e o uso de rodas em oposição às lagartas, não sendo necessariamente o BIB um parâmetro para a Infantaria Mecanizada” (experimentação).

Isto somado à característica da blindagem incapaz de suportar tiro de armas anticarro, faz com que seja necessária a utilização da técnica de assalto desembarcado para rechaçar eventuais resistências que estejam retardando a progressão do Btl durante a M Cmb, conforme também afirmam os entrevistados:

O estudo do inimigo e terreno será fator decisivo para a técnica de assalto, pois o terreno restritivo a VBTP, que é sobre rodas e tem menor mobilidade que a sobre lagarta e o inimigo dotado de um armamento com capacidade de perfurar a blindagem irá obrigar o desembarque, lembrando que o Guarani com blindagem adicional aguenta somente até Mtr P .50. De onde conclui-se que se o inimigo tiver alguma arma AC e provavelmente terá, deve ser pensando um ponto de desembarque antes deste alcance. (RODRIGUES, 2017)

Não visualizo um ataque em uma posição sumariamente organizada com nossa tropa embarcada. No caso de uma marcha para o combate, contra pequenas resistências inimigas, dotadas de metralhadoras leves cujo poder de fogo não é suficiente para perfurar a blindagem do Guarani, somente nesse caso visualizo um ataque embarcado, pois quero a rapidez. Porém como acreditamos que um eventual inimigo possua uma doutrina semelhante a nossa, imagino que, como força de cobertura retardando o nosso movimento, o inimigo empregue tropa de natureza de cavalaria mecanizada. Nesse caso, ele possuiria algum canhão semelhante ao canhão 90mm, o que obrigaria a tropa a realizar o ataque desembarcado. Visualizo o ataque da Inf Mec a pé, com o apoio de fogo provido pelas VBTP. Nesse sentido, a Inf Mec aumentou a capacidade de poder de fogo em relação à infantaria motorizada. (SÁ, 2017)

Da mesma maneira, o exército dos EUA foca o emprego dos batalhões Stryker no combate desembarcado:

O batalhão consegue uma ação decisiva usando armas combinadas no nível subunidade. Ele é focado no assalto desembarcado, apoiado pelos fogos diretos do sistema de armas móvel e, quando possível, da viatura Stryker. (...) O sucesso final do batalhão depende de sua capacidade de integrar e sincronizar o efeito de armas combinadas para apoiar o assalto desembarcado no combate aproximado. (UNITED STATES OF AMERICA. 2003a, p. 1-1, tradução do autor)

Desta forma, chega-se à conclusão de que os fatores da decisão, particularmente o inimigo (se este possui armas anticarro ou se essas já foram neutralizadas) e o terreno (se este permite a mobilidade da Vtr Guarani) irão definir se o ataque da tropa Inf Mec será embarcado ou não. Cabendo ressaltar, conforme descrito abaixo, as possíveis formas de assalto levantadas na experimentação doutrinária da 15ª Bda Inf Mec:

Foram praticados dois processos de ataques à Posição Defensiva Inimiga (P Def Ini):
 -fuzileiros desembarcados por uma Via de Acesso (VA) e as VBTP-MR do Pel Fuz por outra VA, cuja progressão iniciou-se após a supressão da DAC Ini;e
 -fuzileiros desembarcados apoiados pelos fogos das VBTP-MR, desde

posições de desenfiamento de couraça nas proximidades da linha de partida (LP) para executar tiros por cima ou pelos flancos da tropa durante sua progressão até o objetivo;

Nesses dois processos somente a tropa desembarcada realizou o assalto à posição inimiga, adotando a frente mínima do Pel Fuz Mtz que é de 150m.

Posteriormente, o Pel Fuz Mec realizou assaltos à P Def Ini com os fuzileiros desembarcados acompanhando as VBTP-MR. Nessas oportunidades o Pel foi disposto no terreno ocupando a frente de 300m, com a distância de 100m entre as VBTP-MR, o que permitiu atacar a frente total de até 500m. Essa condição permitiu dispersão entre as VBTP-MR bem como o apoio mútuo, conjugada com a proteção dos fuzileiros desembarcados. Essa frente obtida coincide com a frente máxima do Pel Fuz Bld.

Por fim, praticaram-se ataques sobre uma P Def Ini fracamente defendida, com a tropa embarcada que, após ultrapassar a linha de tocas, desembarcou para assaltar o núcleo inimigo. Nesses exercícios, o Pel Fuz Mec utilizou desde a frente mínima de 150m, a qual as VBTP-MR permanecem na distância mínima de 50m entre si, até a frente máxima de 300m. (OLIVEIRA, 2016)

É válida também a observação abaixo, extraída da publicação do resultado da experimentação doutrinária do BI Mec em uma marcha para o combate, conduzida pelo CI Bld, em ambiente virtual, que esclarece a eficiência do apoio de fogo fornecido pelo SARC REMAX:

Foi notório o elevado padrão de desempenho da Mtr REMAX, infligindo um maior número de baixas ao inimigo, com menor consumo de munição e a uma distância maior do objetivo, em comparação à Mtr PLATT, possibilitando o assalto e a conquista da posição com muito mais segurança e preservação do poder de combate das nossas tropas. De forma igualmente importante, destacou-se o fato de que, havendo condições de mobilidade, a VBTP Guarani dotada de Mtr REMAX oferece as condições necessárias para transportar os elementos embarcados até o objetivo, não sendo necessário o desembarque prematuro e o assalto a pé até a chegada à primeira linha. (ALEX, 2016)

Por último, corroborando as conclusões obtidas nas experimentações doutrinárias, bem como as opiniões dos especialistas, verifica-se que a tropa Inf Mec dos EUA também emprega raramente o assalto embarcado: “O comandante pode decidir, em situações raras, combater embarcado; ele baseia essa decisão nos fatores da decisão e por meio da consciência situacional” (UNITED STATES OF AMERICA. 2003a, p. 1-20, tradução do autor).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto às questões de estudo e objetivos propostos no início deste trabalho, conclui-se que a presente investigação atendeu ao pretendido, ampliando a compreensão sobre o emprego do BI Mec na M Cmb, no que diz respeito à função de combate movimento e manobra.

A revisão de literatura possibilitou concluir que, de maneira geral, uma marcha para o combate apresenta conceitos, medidas de coordenação e controle e características comuns, independentemente da tropa que a realize.

Por outro lado, verificou-se que o BI Mec não deverá ser empregado exatamente da mesma forma que o BIB, pois não possui uma mobilidade tão boa por não possuir lagartas nem o poder de choque resultante da composição de FT infantaria-carro de combate. Foi verificado ainda que capacidades foram agregadas à tropa Inf Mec, o que a diferiu das tropas motorizadas, principalmente por poderem chegar mais próximas do inimigo embarcadas, por possuir um GCB em cada Vtr, o que garante uma melhor consciência situacional e por possuírem maior poder de fogo, tanto o orgânico dos grupos de combate devido ao SARC REMAX, quanto o provido pelas frações da Cia C Ap, particularmente com a criação do Pel Ap F dotado de UT 30.

Além disso, o estudo da doutrina norte-americana suscitou uma possibilidade inteiramente nova. Assim como o batalhão da brigada Stryker busca engajar-se com o inimigo no momento e local definido pelo próprio batalhão, com a utilização da ferramenta do INFOSYS, esta possibilidade de tomar a iniciativa das ações e engajar o inimigo, mesmo na marcha para o combate, antes mesmo que este perceba a presença do batalhão parece ser possível ao BI Mec. O advento do GCB aliado ao radar da seção de vigilância terrestre e possivelmente o uso de aeronaves remotamente pilotadas levam a essa conclusão. Contudo a melhor forma de emprego desses meios deverá ser estudada diligentemente para o desenvolvimento dessas novas técnicas táticas e procedimentos que eventualmente terão profundas consequências na maneira de combater.

Dessa forma, entende-se que, a doutrina de emprego do BI Mec difere tanto da doutrina de emprego do BIB quanto do batalhão de infantaria motorizado (BI Mtz) e necessita, conseqüentemente, de uma doutrina específica para seu emprego.

No que se refere ao emprego do Pel Exp como Esc Rec, como é feito no BIB, concluiu-se, tanto pela opinião dos especialistas, quanto pelos conhecimentos oriundos de relatórios de M Cmb realizadas em guerra pelos EUA, que esta situação não é eficiente, uma vez que o Pel Exp não apresenta poder de combate suficiente para neutralizar ou fixar as tropas inimigas encontradas no eixo de progressão.

Comparando essa conclusão com as possibilidades do Pel Exp, surge a

necessidade de se verificar em experimentações doutrinárias a viabilidade de se passar grupos de exploradores em reforço ao Esc Cmb ou ao Esc Rec para realizar atividades específicas mais coerentes com suas capacidades, como reconhecimentos mais técnicos.

Recomenda-se, assim, que na doutrina de emprego do BI Mec na marcha do combate seja evitado o emprego do Pel Exp como Esc Rec, seja levada em conta a mobilidade reduzida através campo e sejam consideradas as capacidades adquiridas com a aquisição do radar de vigilância terrestre e da Vtr Guarani, em especial o GCB, o apoio de fogo do SARC REMAX, o canhão UT 30 e a blindagem da Vtr, ainda que incapaz de suportar tiro de armas anticarro.

Conclui-se, portanto, que os conceitos inerentes à marcha para o combate, as medidas de coordenação e controle, bem como a organização para o combate em grosso e forças de segurança são válidos independentemente da natureza da tropa. O que variará será a maneira como o Cmt Btl empregará as peças de manobra, de apoio de fogo e de apoio ao combate de que dispõe para cumprir essa missão. O Cmt deverá sempre atentar para os fatores da decisão com enfoque particular nos novos meios de que dispõe em contraste com as capacidades do inimigo com que se depara e observando o terreno em que progride.

Foi verificada ainda, ao longo da confecção do presente artigo, por meio de orientação recebida, que existe a necessidade de estudar melhor o emprego da Aviação do Exército em apoio ao BI Mec. Uma das formas sugeridas foi na execução de uma flancoguarda. Porém, mesmo nos Estados Unidos, onde o poderio militar é reconhecidamente superior, não é comum seu emprego sob controle operacional do batalhão, mas sim da brigada. Dessa forma, um maior aprofundamento deste assunto deve ser feito ao estudar-se a brigada na marcha para o combate.

Meios de aviação do exército podem conduzir operações em apoio ao batalhão Stryker, ainda que esses meios normalmente permaneçam em situação de controle operacional da brigada. Helicópteros de ataque podem realizar missões de encontrar, fixar e destruir forças inimigas, usando o fogo e a manobra para concentrar e manter poder de combate em local e momento decisivo. Meios de aviação podem também prover informações de reconhecimento aos comandantes de tropas de solo e realizar operações de ataque conjuntamente com tropas de solo (UNITED STATES OF AMERICA. 2003a, p. 1-21, tradução do autor)

Por último, no anexo A é apresentada uma sugestão de doutrina de emprego do BI Mec na Marcha para o Combate, na função de combate movimento e manobra.

REFERÊNCIAS

ALEX, Alexandre de Mesquita. A simulação virtual e a experimentação doutrinária. **Escotilha do Comandante**, Santa Maria, RS, ano 2, n. 46, p. 1-2, abr. 2016.

ALEX, Alexandre de Mesquita. O GC do Pel Inf Mec: célula mater da infantaria mecanizada. **Escotilha do Comandante**, Santa Maria, RS, ano 2, n. 45, p. 1-2, mar. 2016.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **C 2-20: Regimento de Cavalaria Mecanizado**. 2. ed. Brasília, DF, 2002a.

_____. _____. **C 7-20: Batalhões de Infantaria**. 3. ed. Brasília, DF, 2003a.

_____. _____. **C 17-20: Forças-Tarefas Blindadas**. 3. ed. Brasília, DF, 2002.

_____. _____. **C 20-1: Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército**. 3. ed. Brasília, DF, 2003b.

_____. _____. **EB20-MF-10.103: Operações**. 4. ed. Brasília: EGGCF, 2014.

_____. _____. **EB20-MC-10.203: Movimento e manobra**. 1. ed. Brasília: EGGCF, 2015.

_____. Exército. Estado-Maior. **Portaria Nº 038-RES, de 08 de Junho de 2010**: aprova, em caráter experimental, a Base Doutrinária de Brigada de Infantaria Mecanizada. Boletim Reservado do Exército nº 06, de 30 de junho de 2010. Brasília: 2010a.

_____. _____. _____. **Portaria Nº 039-RES, de 08 de Junho de 2010**: aprova, em caráter experimental, a Base Doutrinária de Batalhão de Infantaria Mecanizada. Boletim Reservado do Exército nº 06, de 30 de junho de 2010. Brasília: 2010b.

_____. _____. _____. **Portaria Nº 041-RES, de 09 de Junho de 2010**: aprova, as diretrizes para a implantação, em caráter experimental, da Base Doutrinária de Brigada de Infantaria Mecanizada e de Batalhão de Infantaria Mecanizada. Boletim Reservado do Exército nº 06, de 30 de junho de 2010. Brasília: 2010c.

_____. _____. _____. **Portaria Nº 286, de 09 de Dezembro de 2014**: atualiza a diretriz para a implantação, em caráter experimental, da Base Doutrinária de Brigada de Infantaria Mecanizada e de Batalhão de Infantaria Mecanizado (EB20-D-10.025). Boletim do Exército nº 52, de 26 de dezembro de 2014. Brasília: 2014.

_____. Exército. 15ª Brigada de Infantaria Mecanizada. Quadro de Cargos e Dotação de Material. In: EXPERIMENTAÇÃO DOUTRINÁRIA DA INFANTARIA MECANIZADA, 2016, Cascavel. **Proposta**. Cascavel: 15ª Brigada de Infantaria Mecanizada.

CAMERON, Robert S. **To fight or not to fight**: organizational and doctrinal trends in mounted maneuver reconnaissance from the interwar years to operation Iraqi Freedom. Kansas: Combat Studies Institute Press, 2010. 631 p.

Defesanet. VBMT-LR - Exército escolhe a LMV como viatura 4x4, 15abr16, Disponível em: <http://www.defesanet.com.br/guarani/noticia/22129/VBMT-LR---Exercito-Escolhe-a-LMV-como-viatura-4x4/> Acesso em: 25 fev 2017.

Defesanet. Infantaria mecanizada – uma realidade no Exército Brasileiro, 07jul13, Disponível em: <http://www.defesanet.com.br/guarani/noticia/11425/Infantaria-Mecanizada-%E2%80%93-Uma-Realidade-no-Exercito-Brasileiro/> Acesso em: 25 jan 2017

EPEX, escritório de projetos do exército brasileiro. **Conclusão do processo para obtenção de viaturas leves 4x4.** Disponível em <<http://www.epex.eb.mil.br/index.php/component/content/article?id=214> >. Acesso em: 18 nov 2016.

FLORES, Rangel Panichi. Torre UT-30BR. **Torreta do adjunto**, Santa Maria, RS, ano 1, n. 10, p. 1-2, jul. 2016.

HYMEL, Kevin M. **Strykers in Afghanistan**: 1st Battalion, 17th Infantry Regiment in Kandahar Province 2009. Kansas: Combat Studies Institute Press, 2014. 89 p.

IVECO, Veículos de defesa, manual técnico da viatura blindada de transporte de pessoal (VBTP-MR 6x6 Guarani): uso e manutenção de 1º escalão, ed. 1, jul. 2012.

JACOBINA, Bayardo Vellozo. Pelotão de exploradores: os olhos e ouvidos do comandante dos BIB, RCC e RCB, uma fração especial da tropa blindada. **Escotilha do Comandante**, Santa Maria, RS, ano 2, n. 52, p. 1-2, ago. 2016.

OLIVEIRA, Paulo Roberto. Experimentação doutrinária do pelotão de fuzileiros mecanizado. In: EXPERIMENTAÇÃO DOUTRINÁRIA DA INFANTARIA MECANIZADA, 2016, Cascavel. **Relatório**. Cascavel: 15ª Brigada de Infantaria Mecanizada, 2016.

POLSIN, Altair José. Exercício de simulação de combate da 15ª Brigada de Infantaria Mecanizada com o sistema COMBATER. In: EXPERIMENTAÇÃO DOUTRINÁRIA DA INFANTARIA MECANIZADA, 2014, Cascavel. **Relatório**. Cascavel: 15ª Brigada de Infantaria Mecanizada, 2014.

ROCHA, Paulo Geraldo Madureira. Experimentação doutrinária do pelotão de fuzileiros mecanizado 2016. In: EXPERIMENTAÇÃO DOUTRINÁRIA DA INFANTARIA MECANIZADA, 2016, Cascavel. **Relatório**. Cascavel: 33º Batalhão de Infantaria Mecanizado.

RODRIGUES, Eduardo Andrey. Entrevista concedida a Vinícius Paiva Cooper de Almeida. Rio de Janeiro, 18 jun. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “A” deste artigo científico]

RODRIGUES, Eduardo Andrey. O avanço tecnológico na Infantaria Mecanizada. **Escotilha do Comandante**, Santa Maria, RS, ano 2, n. 47, p. 1 e 2, maio. 2016.

SÁ, Edson Paulo Queiroz Silva. Entrevista concedida a Vinícius Paiva Cooper de Almeida. Rio de Janeiro, 21 jun. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “A” deste artigo científico]

SAUZEM, Elisandro Rodrigues. O sistema de armas remotamente controlado (SARC) REMAX. **Torreta do adjunto**, Santa Maria, RS, ano 1, n. 13, p. 1-2, nov. 2016.

UNITED STATES OF AMERICA (USA). Department of the US Army. **FM 3-21.21:** The Stryker Brigade Combat Team Infantry Battalion. Washington D.C.: 2003a.

UNITED STATES OF AMERICA (USA). Department of the US Army. **FM 3-21.94:** The Stryker Brigade Combat Team Infantry Battalion Reconnaissance Platoon. Washington D.C.: 2003b.

Anexo A

O BI Mec na M Cmb

1 Definição

A Marcha para o Combate é uma marcha tática na direção do inimigo, com a finalidade de obter ou restabelecer o contato com o mesmo e/ou assegurar vantagens que facilitem operações futuras. O melhor aproveitamento do dispositivo no momento do contato é obtido pela apropriada organização da força para o combate e pela manobra dos seus componentes. Esse tipo de operação ofensiva é executado agressivamente para se apossar do objetivo antes que o inimigo possa reagir.

2 Tipos

2.1 Quanto à segurança:

2.1.1 Coberta: caso exista uma força amiga interposta entre a unidade considerada e o inimigo e que seja capaz de proporcionar-lhe segurança.

2.1.2 Descoberta: caso não exista uma força amiga interposta entre a unidade considerada e o inimigo e ou caso esta força não seja capaz de proporcionar-lhe segurança.

2.2 Quanto à possibilidade do contato com o inimigo terrestre:

2.2.1 Remoto, quando este não pode atuar sobre a tropa;

2.2.2 Pouco provável, quando a possibilidade de contato é muito baixa; e

2.2.3 Iminente, quando, a qualquer momento, a tropa pode sofrer ação daquele.

3 Formas de deslocamento

O comandante da tropa deve desdobrar suas forças de forma a obter o máximo de velocidade, controle e segurança.

3.1 Coluna de marcha: quando o contato é remoto, o movimento é feito em coluna de marcha, dispositivo em que as unidades não necessitam ser agrupadas taticamente e podem deslocar-se por vários meios e por diferentes itinerários.

3.2 Coluna tática: quando o contato é pouco provável, o movimento é feito em coluna tática, onde as frações são agrupadas taticamente, sem desdobrarem-se, o que facilita a rápida adoção de dispositivo para o combate.

3.3 Marcha de aproximação: quando o contato é iminente, executa-se a marcha de aproximação, em que os elementos são agrupados taticamente e desdobrados.

4 Articulação

4.1 Grupamento principal ou grosso, composto pela maioria dos meios de combate e órgãos de apoio.

4.2 Forças de segurança (vanguarda, retaguarda e flancoguarda) de valor e composição variável, de acordo com os fatores da decisão.

5 Formas de emprego do batalhão na M Cmb

O batalhão pode encontrar-se em 4 situações: marchar como uma força independente, fazendo parte do grosso de uma brigada ou ainda, atuando como força de segurança da brigada, à frente, nos flancos, ou à retaguarda do grosso.

5.1 Parte do grosso: como parte do grosso, segue as ordens do comandante da brigada.

5.2 Vanguarda: como vanguarda tem a missão de evitar retardos desnecessários ao grosso e protegê-lo contra surpresas e ações inimigas terrestres vindas da frente.

5.3 Flancoguarda: como flancoguarda adota o dispositivo de um batalhão marchando isolado e atua na mesma altura do grosso, aproveitando-se de acidentes do terreno, para proteger o flanco da brigada. Caso não disponha de itinerários paralelos, o Btl desloca-se pelo mesmo eixo do grosso e envia frações periodicamente para ocupar posições de bloqueio sucessivas no flanco a ser protegido.

5.4 Retaguarda: como retaguarda atua como uma vanguarda invertida.

6 O BI Mec como vanguarda da Bda Inf Mec

6.1 Articulação: o batalhão vanguarda articula-se em grosso e forças de segurança (vanguarda, flancoguardas e retaguarda). A composição dos meios depende da decisão do comandante da unidade em como ele distribuirá as frações disponíveis nos diversos grupamentos de forças, tanto as orgânicas quanto as passadas em reforço ou apoio direto pelo escalão superior. Esta decisão deverá ser tomada em razão dos fatores da decisão.

6.1.1 Vanguarda: pode haver apenas uma SU vanguarda, ou duas, caso o Btl se desloque por dois eixos paralelos.

6.1.1.1 Composição da vanguarda: a subunidade (SU) vanguarda é dividida em escalão de reconhecimento, um pelotão que é lançado à frente e escalão de combate, a SU (-). Normalmente, a vanguarda é reforçada ou apoiada diretamente por elementos de engenharia, uma seção de canhões UT 30 do Pel Ap F e uma seção de MAC do Pel AC. O Pel Mrt P desloca-se a sua esteira. Grupos de exploradores e a seção de vigilância terrestre podem ser empregadas em apoio direto à vanguarda para facilitar o esclarecimento da situação e buscar definir a situação do inimigo antes que este perceba a presença de nossas tropas, de forma que o Btl possa tomar a iniciativa das ações.

6.1.1.2 Missão da vanguarda: sua missão é prover a segurança para o grosso e facilitar seu movimento contínuo. Ela deve ser capaz de rapidamente esclarecer a situação, destruir os elementos de reconhecimento e retardamento do inimigo e remover obstáculos que interfiram no movimento.

6.1.1.3 Atuação do escalão de reconhecimento: o Esc Rec deverá ser composto de um Pel Fuz Mec e deverá operar cerca de 2 a 6 Km a frente da vanguarda, provendo adequado alerta e suficiente espaço para sua manobra. Quando a força inimiga é descoberta,

procura determinar seu valor, composição, localização. Caso seja capaz de rechaçá-la, deverá fazê-lo sem hesitação, solicitando para isso o adequado apoio de fogo da SU. Caso o inimigo não possa ser combatido pelo Esc Rec, este deverá manter o contato e informar à SU, para que o Cmt Vg decida como agir.

6.1.3 Flancoguarda: a segurança nos flancos é estabelecida com um pelotão das SU do grosso, reforçado por meios de apoio de fogo, o qual deve atuar a uma distância de 2 a 3 km de forma a permitir ao grosso o tempo e o espaço necessário para manobrar e fazer face à ameaça.

6.1.4 Retaguarda: a última SU do Btl destaca um pelotão para compor a retaguarda. Esta fração deve permitir que o grosso possua o tempo e o espaço necessários para reagir às ameaças que incidam em sua Rg.

6.2 Atuação do batalhão como vanguarda

O Btl cumpre sua missão de forma agressiva, reconhece o terreno à frente e nos flancos, remove obstáculos do itinerário, repara pontes, constrói passagens, ataca e destrói as resistências inimigas, sem hesitação.

6.2.1 Ação ao ser estabelecido o contato: ao ser estabelecido o contato com o inimigo, o Esc Rec deve tentar destruir o mesmo. Caso não seja possível, ele o fixa para sua destruição pelo Esc Cmb, caso esta SU não o faça, ela deve fixá-lo para que o grosso do Btl faça frente à ameaça.

6.2.2 Ataque à posição inimiga: os fatores da decisão, particularmente o inimigo (se este possui armas anticarro ou se essas já foram neutralizadas) e o terreno (se este permite a mobilidade da VBTP-MR) definirão se o ataque da tropa Inf Mec será embarcado ou não.

6.2.3 Ataque desembarcado: normalmente, em uma M Cmb, a tropa inimiga que retarda o avanço de nossas tropas é de cavalaria mecanizada, sendo assim, fortemente apoiada por armas anticarro. Nesse caso, o sucesso em rechaçar as resistências inimigas é conseguido por meio da combinação de um assalto desembarcado, fortemente apoiado pelo fogo das Mtr P dos carros, dos Mrt Me e das peças de canhão sem recuo da SU e dos canhões UT 30, dos mísseis anticarro e dos Mrt P do Btl. O êxito do batalhão depende de sua capacidade de integrar e sincronizar o efeito das armas combinadas para apoiar o assalto desembarcado no combate aproximado.

7 A função de combate fogos do BI Mec na M Cmb

8 A função de combate inteligência do BI Mec na M Cmb

9 A função de combate comando e controle do BI Mec na M Cmb

11 A função de combate logística do BI Mec na M Cmb